

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIOS**

**PONTO DE VISTA DAS FILHAS SOBRE SUCESSÃO NA PROPRIEDADE RURAL
FAMILIAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA *Q-METHODOLOGY***

ROSELI AZAMBUJA BARBOSA

DOURADOS/MS

2018

ROSELI AZAMBUJA BARBOSA

**PONTO DE VISTA DAS FILHAS SOBRE SUCESSÃO NA PROPRIEDADE RURAL
FAMILIAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA *Q-METHODOLOGY***

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Grande Dourados – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia, para obtenção do Título de Mestre em Agronegócios.

ORIENTADOR: Prof.º Dr. João Augusto Rossi Borges

COORIENTADORES:

Prof.ª Dr. Carla Heloisa de Faria Domingues

Prof.º Dr. Marcelo Corrêa da Silva

DOURADOS/MS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B238p Barbosa, Roseli Azambuja

Ponto de vista das filhas sobre sucessão na propriedade rural familiar: uma análise a partir da Q-Methodology / Roseli Azambuja Barbosa -- Dourados: UFGD, 2018.

69f. : il. ; 30 cm.

Orientador: João Augusto Rossi Borges

Co-orientador: Carla Heloisa de Faria Domingues e Marcelo Corrêa da Silva

Dissertação (Mestrado em Agronegócios)-Universidade Federal da Grande Dourados

Inclui bibliografia

1. Agricultura familiar. 2. Assentamentos rurais. 3. Sucessão. 4. Desigualdades de Gênero. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIOS

ROSELI AZAMBUJA BARBOSA

PONTO DE VISTA DAS FILHAS SOBRE SUCESSÃO NA PROPRIEDADE RURAL
FAMILIAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA *Q-METHODOLOGY*

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Prof.º Dr. João Augusto Rossi Borges – UFGD

COORIENTADORA: Prof.ª Dr. Carla Heloisa de Faria Domingues – UFGD

COORIENTADOR: Prof.º Dr. Marcelo Corrêa da Silva – UFGD

Prof.º Dr. Régio Marcio Toesca Gimenes – UFGD

Dr. Mariana de Aragão Pereira – Embrapa

DOURADOS/MS

2018



UFGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR **ROSELI AZAMBUJA BARBOSA**, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM AGRONEGÓCIOS, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "EM AGRONEGÓCIOS E DESENVOLVIMENTO".

Aos dezenove dias do mês de dezembro de dois mil e dezoito, às 15 horas e 30 minutos, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "Ponto de vista das filhas sobre sucessão na propriedade rural familiar: uma análise a partir da Q-Methodology", apresentada pela mestranda **Roseli Azambuja Barbosa**, do Programa de Pós-Graduação em AGRONEGÓCIOS, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. João Augusto Rossi Borges /UFGD (presidente/orientador), Prof. Dr. Régio Marcio Toesca Gimenes /UFGD (membro titular) e Dr.^a Mariana de Aragão Pereira /EMBRAPA (membro titular). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer a candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada aprovada, fazendo *jus* ao título de **MESTRE EM AGRONEGÓCIOS**. Os membros da banca abaixo assinados atestam que a Dr.^a Mariana de Aragão Pereira participou de forma remota desta defesa de dissertação, considerando a candidata aprovada, conforme declaração anexa. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados, 19 de dezembro de 2018.

Prof. Dr. João Augusto Rossi Borges

Prof. Dr. Régio Marcio Toesca Gimenes

Dr.^a Mariana de Aragão Pereira

Participação Remota

ATA HOMOLOGADA EM: ___/___/___, PELA PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA /UFGD.

Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
Assinatura e Carimbo

DEDICATÓRIA

*A meu esposo, meu amor e meu refúgio,
A meu time de orientação com meu respeito e minha admiração,
A minha mãe, minha grande incentivadora, por me ensinar a ciência do semear e
colher flores.*

“Q-Sort” a minha!

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua maravilhosa bondade em minha vida.

Ao meu esposo Anderson pelo imenso apoio, amor e compreensão em todo o tempo.

As minhas famílias Azambuja e Barbosa pelo carinho, incentivo e compreensão.

A minha grande amiga Elis que me abraçou como uma mãe, me aconselhou como uma amiga e que se tornou uma verdadeira irmã nesta jornada de estudos e de muita dedicação.

Ao meu orientador Prof.º Dr. João e a minha coorientadora Prof.ª Dr. Carla que tão prontamente aceitaram me orientar, com muita dedicação, alegria e entusiasmo sempre! Agradeço imensamente pelas contribuições valiosas para a construção da minha dissertação, por acreditarem em mim, no meu potencial e mostrar, com brilho nos olhos, o quão linda a ciência pode ser.

Ao meu coorientador Prof.º Dr. Marcelo pelas preocupações com a escrita e a clareza do texto, detalhes que fizeram toda a diferença, e ainda por suas grandiosas contribuições na área da estatística, tão fundamentais para a análise dos dados da minha dissertação.

Ao Juliano pela paciência em cada detalhe da construção do jogo, e que não foram poucos.

A minha querida amiga Luciana Pogliési, pela disposição e o auxílio de sempre, e a todas as meninas do assentamento Lagoa Grande, que prontamente participaram da minha pesquisa. Meninas vocês foram essenciais!

Ao Prof.º Dr. Régio e a Dr. Mariana pela gentileza em contribuir com sugestões valiosas para a construção da minha dissertação.

A Prof.ª Dr. Erlaine por me apresentar a essa temática tão apaixonante.

Aos amigos e amigas queridas que o agronegócio me apresentou.

A todo o corpo docente do Programa de Mestrado em Agronegócios da UFGD, pelos conhecimentos transmitidos e oportunidade ímpar de crescimento pessoal e profissional.

A UFGD, a Superintendência do Hospital Universitário e ao meu chefe e amigo Hércio, que me proporcionaram um tempo precioso de dedicação ao mestrado.

Muito Obrigada!!!

“O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Por isso, além de ter oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas. ”

Amartya Sen

RESUMO

A agricultura familiar é a forma predominante de propriedade da terra em todo o mundo. O êxodo rural dos jovens, o processo de envelhecimento da população agrícola e a carência de sucessores tem sido uma tendência em diferentes países, o que suscita preocupações quanto à continuidade da agricultura familiar, o desenvolvimento rural sustentável e a produção de alimentos. Comparado com os filhos homens, as filhas de produtores rurais são mais propensas a migrar do meio rural, em razão das desigualdades de gênero, motivada, principalmente, pelo padrão cultural de sucessão patriarcal. O objetivo geral deste estudo foi identificar os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. Os dados foram coletados por meio de uma dinâmica presencial, similar a um jogo de tabuleiro, elaborado a partir de diretrizes da *Q-Methodology* e de entrevista semiestruturada com 28 filhas de pequenos proprietários do assentamento Lagoa Grande – Dourados – Mato Grosso do Sul. Cinco principais pontos de vista acerca da sucessão foram identificados: Atratividade do meio rural, Família e socialização das filhas, Reconhecimento, Condições de trabalho e Financeiro. Os resultados indicam que há diferentes pontos de vista que devem ser considerados ao se analisar a probabilidade de sucessão em áreas rurais. Esses diferentes pontos de vista devem ser considerados por formuladores de políticas públicas e por empresas privadas, visando à permanência das potenciais sucessoras femininas nas propriedades rurais familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar, Assentamentos rurais, Sucessão, Desigualdades de Gênero.

ABSTRACT

Family farming is the predominant form of land ownership throughout the world. The rural exodus of the young, the aging process of the agricultural population and the lack of successors have been a trend in different countries, raising concerns about the continuity of family farming, sustainable rural development and food production. Compared with the male children, daughters of rural producers are more likely to migrate from rural areas because of gender inequalities, mainly motivated by the cultural pattern of patriarchal succession. The general aim of this study was to identify the different points of view of farmers' daughters on taking on the farm. The data were collected through a face-to-face dynamics, similar to a board game, elaborated from the *Q-Methodology* guidelines and from semi-structured interview with 28 daughters of small landowners from the Lagoa Grande settlement – Dourados – Mato Grosso do Sul. Five main points of view about succession were identified: Attractiveness of rural areas, Family and socialization of daughters, Recognition, Work conditions and Financial. The results indicate that there are different points of view to be considered when analyzing the probability of succession in rural areas. These different points of view must be considered by public policy makers and private companies aiming the permanence of potential female successors in family farms.

KEYWORDS: Family farming, Rural settlements, Succession, Gender inequalities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tabela Q-Sort.....	24
Figura 2 - Síntese das etapas da <i>Q-Methodology</i>	35
Figura 3 - Mapa do assentamento Lagoa Grande, Dourados/MS.....	37
Figura 4 - Material da pesquisa: Tabuleiro <i>Q-Sort</i>	39
Figura 5 - Exemplo de uma declaração utilizada na pesquisa.	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Matriz fatorial dos pontos de vista das filhas sobre sucessão na propriedade rural familiar	43
Tabela 2 - Lista de declarações do estudo e respectivos escores por fator rotacionado.....	44
Tabela 3 - Estatística descritiva do perfil filhas.	50
Tabela 4 - Estatística descritiva da família e da caracterização da propriedade rural.	52
Tabela 5 - Intenção das filhas em assumir a propriedade rural familiar.....	54

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - REVISÃO SOBRE SUCESSÃO RURAL, GÊNERO NA AGRICULTURA E Q-METHODOLOGY	14
1. Introdução	14
2. Revisão Bibliográfica	16
2.1 Breve contextualização da sucessão rural.....	16
2.2 Desigualdades de gênero na agricultura familiar.....	19
2.3 <i>Q-Methodology</i> no contexto rural.....	21
Referências	27
CAPÍTULO 2 - PONTOS DE VISTA DAS FILHAS SOBRE SUCESSÃO NA PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR	31
1. Introdução	31
2. Materiais e Métodos	34
2.1 <i>Q-Methodology</i>	34
2.2 <i>Concourse</i> e <i>Q-sample</i>	35
2.3 Seleção do <i>P-Set</i>	36
2.4 Aplicação da pesquisa.....	38
2.5 Análise fatorial Q e estatísticas descritivas.....	40
3. Resultados	42
3.1 Descrição dos fatores.....	42
3.1.1 Fator 1 - Atratividade do meio rural.....	45
3.1.2 Fator 2 - Família e socialização das filhas.....	46
3.1.3 Fator 3 - Reconhecimento.....	47
3.1.4 Fator 4 - Condições de trabalho.....	48
3.1.5 Fator 5 - Financeiro.....	48
3.2 Perfil das filhas e caracterização da família e propriedade rural.....	49
4. Discussão	55
5. Considerações Finais	60
Referências	62
APÊNDICE I - LISTA DE DECLARAÇÕES	66
APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO	67
APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	68
APÊNDICE IV - FOLHA DE RESPOSTA: <i>Q-SORT</i>	69

CAPÍTULO 1 – REVISÃO SOBRE SUCESSÃO RURAL, GÊNERO NA AGRICULTURA E Q-METHODOLOGY

1. Introdução

A migração da população rural é um fenômeno crescente em todo o mundo (FAO, 2014; DESA, 2014). Ao longo das últimas décadas se evidenciou uma tendência de migração dos jovens de áreas rurais e o consequente envelhecimento da população do campo (BEDNAŘÍKOVÁ *et al.*, 2016; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018; FOGUESATTO *et al.*, 2016; MORAIS *et al.*, 2018; ZOU *et al.*, 2018). Estes fatores podem comprometer a sobrevivência e a continuidade das propriedades agrícolas e tradições familiares (GRUBBSTRÖM *et al.*, 2014; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016), com implicações importantes para a produção de alimentos e a sustentabilidade da agricultura familiar e do setor agrícola (FAO, 2014).

Dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas – DESA, mostram que a população mundial rural sofreu um declínio constante ao longo das últimas décadas. Em 1950, 70% da população mundial estava concentrada em áreas rurais, contudo, em 2007, a população mundial urbana ultrapassou a rural e as perspectivas indicam o predomínio desse crescimento para as próximas décadas, podendo chegar à 66% em 2050, enquanto que a população mundial rural deverá corresponder à aproximadamente 33% (DESA, 2014). No Brasil, o percentual da população que reside em áreas rurais declinou de 62% nos anos 1950 para 16% em 2010 (IBGE, 2010). Perspectivas das Nações Unidas indicam que o percentual da população brasileira vivendo em áreas rurais deverá ser inferior à 10% em 2050 (DESA, 2014). No Brasil, esse movimento migratório rural-urbano é ainda mais evidente por parte da juventude rural (FOGUESATTO *et al.*, 2016).

A agricultura familiar¹ é a forma predominante de propriedade agrícola em muitos países e desempenha um papel relevante na segurança alimentar global (GRAEUB *et al.*, 2016; DOWNEY *et al.*, 2017). Em todo o mundo, as propriedades rurais familiares constituem mais de 98% de todos os estabelecimentos rurais e ocupam 53% das terras agrícolas (GRAEUB *et al.*, 2016). No Brasil, 84% do total dos estabelecimentos

¹ No Brasil, conforme a Lei nº 11.326/2006, considera-se agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural em área de até quatro módulos fiscais, utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento e que dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

agropecuários são da agricultura familiar. Além de gerar emprego e renda no meio rural, a agricultura familiar é uma importante fornecedora de alimentos para o mercado interno, sendo, portanto, responsável por boa parte da segurança alimentar do país (FOGUESATTO *et al.*, 2016).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*), o baixo acesso à informação e a serviços essenciais como educação, saúde, transporte, comunicação, lazer e mercados, assim como a percepção negativa sobre a agricultura contribuem para o progressivo abandono dos jovens no setor agrícola (FAO, 2014). Desta maneira, o êxodo rural jovem implica na carência de sucessores na agricultura familiar, o que resulta em desvantagens para o desenvolvimento das comunidades agrícolas e para uma agricultura mais sustentável (FAO, 2014; MORAIS *et al.*, 2017).

A sucessão rural envolve a transferência do patrimônio e da gestão da propriedade rural entre as gerações, em que predomina o padrão de sucessão patriarcal, ou seja, a transferência de pai para filho (FISCHER e BURTON, 2014). Duas principais abordagens têm sido utilizadas nos estudos que discutem a temática da sucessão em áreas rurais. Uma se concentra na opinião dos agricultores quanto a probabilidade de ter um sucessor para assumir a propriedade e a outra na expectativa dos jovens em migrar das áreas rurais. Na primeira abordagem, os agricultores (pais) são entrevistados e questionados se há um sucessor na propriedade e a probabilidade de sucessão é analisada segundo as características da propriedade, do produtor e da família (ALDANONDO OCHOA *et al.*, 2007; GLAUBEN *et al.*, 2009; MISHRA e EL-OSTA, 2008; MISHRA *et al.*, 2010; CAVICCHIOLI *et al.*, 2015; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016). Na segunda abordagem, os filhos (as) dos agricultores são entrevistados e questionados sobre suas intenções de migrar ou permanecer na propriedade rural (BEDNARÍKOVÁ *et al.*, 2016; LEHBERGER e HIRSCHAUER, 2016; MORAIS *et al.*, 2017; MORAIS *et al.*, 2018).

No campo das pesquisas que discutem a questão de gênero no meio rural, os estudos têm concentrado esforços em examinar as estratégias de gênero para a futura administração da propriedade rural (GRUBBSTROM *et al.*, 2014), as percepções das filhas sobre a transferência familiar entre gerações (LURHS, 2016), as aspirações de vida dos jovens relacionada ao processo sucessório (LEHBERGER e HIRSCHAUER, 2016; BEDNARÍKOVÁ *et al.*, 2016) e o efeito do gênero na probabilidade de sucessão

(CAVICCHIOLI *et al.*, 2018). Contudo, o ponto de vista das filhas de agricultores familiares sobre a sucessão na propriedade rural ainda não foi estudado.

Um método com procedimentos apropriados ao estudo de conceitos subjetivos como crenças, atitudes, comportamentos e opiniões é a *Q-Methodology* (COUTO *et al.*, 2011). O método emprega a análise qualitativa e quantitativa para examinar diferentes conceitos subjetivos dos indivíduos em torno de uma temática de pesquisa (SCHALL *et al.*, 2018), o que possibilita identificar e descrever a diversidade de pontos de vista sobre um determinado tema (WALDER e KANTELHARDT, 2018). Recentemente, a *Q-Methodology* foi utilizada no contexto rural para identificar valores e objetivos entre os produtores rurais (PEREIRA *et al.*, 2016), compreender atitudes e comportamentos dos agricultores em relação a ecossistemas agrícolas e a produção sustentável (WALDER e KANTELHARDT, 2018), investigar as decisões dos agricultores na adoção de tecnologias (ALEXANDER *et al.*, 2018) e examinar as diferenças nas atitudes relacionadas a promoção de melhores práticas de manejo agrícola (SCHALL *et al.*, 2018). Contudo, não foram encontrados estudos que empregaram a *Q-Methodology* no contexto rural para identificar o ponto de vista dos potenciais sucessores em relação à sucessão em propriedades rurais familiares.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. Este estudo contribui com o conhecimento científico ao permitir o levantamento da opinião subjetiva das filhas e assim aprimorar o conhecimento sobre a questão da sucessão associada ao gênero na agricultura familiar. O uso da *Q-Methodology* também é inovador nesta temática e poderá ser explorada a sua adequação para investigar questões sobre sucessão em comunidades rurais.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 Breve contextualização da sucessão rural

A sucessão na propriedade rural é comumente entendida como a transferência da gestão e do patrimônio familiar entre gerações (GASSON e ERRINGTON, 1993; FISCHER e BURTON, 2014). Há estudos que definem a sucessão como a transferência da gestão do negócio familiar e denominam de herança o processo de transferência da propriedade rural (WHEELER *et al.*, 2012). Desta forma, a sucessão na propriedade rural familiar propicia a sobrevivência e continuidade das atividades agrícolas e tradições familiares (BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016; GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012). Normalmente é um

processo de longo prazo que envolve a transferência de ativos físicos e intangíveis à futura geração de agricultores (FISCHER e BURTON, 2014; GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012; JOOSSE e GRUBBSTRÖM, 2017). Em áreas rurais, o processo sucessório é tradicionalmente caracterizado por práticas de herança patriarcal (SILVASTI, 2003; HEGGEM, 2014; LURHS, 2016), que estão diretamente relacionadas a forma de socialização das crianças e, por sua vez, reflete na construção da identidade natural dos sucessores (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012; FISCHER e BURTON, 2014; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016).

A sucessão rural entre as gerações envolve a transferência de ativos físicos e intangíveis que podem ser caracterizados pela propriedade rural da família e o conjunto de conhecimentos e habilidades sobre as atividades desenvolvidas no meio rural, bem como pelo valor e importância emocional que o patrimônio familiar representa (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012). Na Estônia, Grubbström e Sooväli-Sepping (2012) identificaram três valores associados à sucessão na agricultura familiar: a importância da casa, a importância de assumir a responsabilidade pelos membros da família e as tradições relacionadas a propriedade rural e às atividades agrícolas.

A socialização das crianças é determinada pela maneira como a família prepara os sucessores para assumir a propriedade rural, referindo-se à transferência de conhecimentos e habilidades entre gerações (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012; FISCHER e BURTON, 2014). Neste processo, a transferência de conhecimento e habilidades mostra-se relevante para a “sucessão bem-sucedida” e para a manutenção do capital cultural (GLOVER e REAY, 2013). Para Fischer e Burton (2014), a socialização dos herdeiros constitui uma “janela de oportunidade” na relação do sucessor com a propriedade e tem implicações importantes para a construção da “identidade natural dos sucessores”.

Desta maneira, o planejamento do processo sucessório e as decisões relativas à sucessão na agricultura familiar são determinantes para a sobrevivência da propriedade rural e a possibilidade de manter a terra dentro da família (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016). Contudo, constantemente as propriedades rurais familiares estão expostas a mudanças econômicas, políticas, sociais e ecológicas, que podem influenciar (positiva ou negativamente) os planos de sucessão (SUESS-REYES e FUETSCH, 2016).

Pesquisas realizadas em diferentes países mostraram que os ativos totais da propriedade (CALUS *et al.*, 2008), o apego emocional ao patrimônio familiar (CASSIDY e

MCGRATH, 2014), assim como o tamanho da propriedade e a rentabilidade das atividades agrícolas tem uma influência central na sucessão rural (FISCHER e BURTON, 2014; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016; MORAIS, 2017). Além disso, as características do produtor rural e da família (idade, nível de escolaridade e formação), também exercem uma influência significativa sobre a probabilidade de sucessão na agricultura familiar (BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016). Como resultado do padrão de sucessão patriarcal, as questões de gênero em termos de preferência por sucessores masculinos também podem afetar o desempenho da sucessão nas propriedades rurais familiares (SILVASTI, 2003; GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012; GLOVER e REAY, 2013; HEGGEM, 2014; LUHRS, 2015). Outros fatores como o mercado de trabalho local, assim como as diferenças de renda, taxas de emprego e densidade populacional exerceram efeitos negativos e positivos sobre a probabilidade de sucessão em propriedades rurais italianas (CAVICCHIOLI *et al.*, 2018).

No Brasil, pesquisas recentes mostraram, dentre outros fatores que, a intenção de jovens na sucessão é determinada pela satisfação de cuidar do patrimônio familiar, pela facilidade para gerenciar a propriedade e comprar mais terras, pelas influências familiares e o reconhecimento profissional (MORAIS *et al.*, 2017). Aliado a isso, a avaliação positiva do sucessor de assumir a propriedade, seguida por suas percepções positivas sobre sua própria capacidade, bem como por suas percepções sobre a pressão social para gerenciar o negócio agrícola também exercem efeitos positivos sobre a sucessão (MORAIS *et al.*, 2018).

Comumente a propriedade rural familiar é transferida de pai para filho (SILVASTI, 2003; HEGGEM, 2014; LURHS, 2016). Esse padrão sucessório predominante privilegia os filhos do gênero masculino, uma vez que, os pais têm expectativas diferentes sobre seus filhos e filhas e, os socializam ao trabalho na propriedade de acordo de gênero dos sucessores. (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012). Tais práticas evidenciam que o padrão cultural de sucessão patriarcal determina a sucessão no meio rural (SILVASTI, 2003; HEGGEM, 2014; LUHRS, 2016). Todavia, os “não-sucessores” também tendem a ter uma forte ligação com a propriedade rural, o que tem implicações importantes na preservação do patrimônio familiar e para a continuidade das atividades agrícolas e das tradições familiares (CASSIDY e MCGRATH, 2014; LUHRS, 2016).

2.2 Desigualdades de gênero na agricultura familiar

A agricultura familiar é a forma predominante de propriedade agrícola em todo o mundo (GRAEUB *et al.*, 2016; CONTZEN e FORNEY, 2017; FAO, 2017; DOWNEY *et al.*, 2017). É frequentemente reconhecida por desenvolver atividades agrícolas mais sustentáveis, voltadas, principalmente, ao sustento da família (CONTZEN e FORNEY, 2017; FAO, 2017). Todavia, às desigualdades de gênero na agricultura familiar representam desvantagens para a agricultura e o desenvolvimento rural sustentável (SILVASTI, 2003; CONTZEN e FORNEY, 2017).

De acordo com a FAO, “as desigualdades de gênero são umas das causas estruturais de desigualdade social em grande parte da sociedade civil organizada” (FAO, 2017). Neste sentido, Contzen e Forney (2017) destacam que o gênero e a idade são as características que determinam tanto as funções como as responsabilidades de homens e mulheres no meio rural. Desta maneira, a organização do trabalho agrícola e a tomada de decisões em propriedades rurais familiares foram apontadas como dois aspectos cruciais para a desigualdade de gênero na agricultura familiar (CONTZEN e FORNEY, 2017).

Tradicionalmente, o homem é reconhecido como o chefe da família, proprietário da terra e responsável pelas principais tarefas relacionadas a atividade agrícola, bem como por tomar decisões, enquanto, as mulheres ocupam uma posição de subordinação, e, por sua vez, exercem um papel auxiliar na agricultura familiar (BRANDTH, 2003; CONTZEN e FORNEY, 2017; FAO, 2017; CUSH *et al.*, 2018). Desta maneira, a atuação das mulheres no meio rural se caracteriza como uma força de trabalho reprodutiva, não remunerada e, portanto, “invisível” (PAULILO, 2004). As mulheres são responsáveis pela família, pelo trabalho doméstico, o cultivo de alimentos e ao cuidado de pequenos animais destinados ao consumo familiar (CONTZEN e FORNEY, 2017). Assim, as mulheres, na maioria das vezes, não têm acesso aos bens produzidos, recursos, serviços e às oportunidades econômicas similares aos homens (FAO, 2017).

Apesar da importância do trabalho feminino no meio rural, as características do trabalho agrícola familiar estão vinculadas tanto a uma cultura histórica patriarcal quanto a noção de força física, vista como substancial para o desempenho da atividade agrícola nas propriedades rurais (FAO, 2017). Desta maneira, a divisão por gênero do trabalho é assim revelada pela dominação simbólica que atribui ao homem o trabalho produtivo, “pesado” e

remunerado, e às mulheres, o trabalho reprodutivo, “leve”, e, portanto, não remunerado (PAULILO, 2004).

Bourdieu (2012) define as desigualdades entre os gêneros de uma forma particular, como uma “violência simbólica, suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. Para este autor, a “dominação masculina” é vista como natural, evidente e reconhecida como verdadeira no mundo social, expressa pela relação desigual de poder, a aceitação pelos dominados e, principalmente, pela submissão das mulheres (BOURDIEU, 2012).

Contudo, a dominação simbólica ou dominação masculina expressa por meio da organização do trabalho agrícola e da conseqüente “invisibilidade” do trabalho feminino, assim como, a crença dos pais na valorização do filho homem e o modo de socialização das crianças, contribui para oprimir e excluir as mulheres das decisões sobre a propriedade rural e são apontadas pela literatura que discute sucessão, como as principais barreiras que colaboram para a invisibilidade das filhas nos processos sucessórios (SILVASTI, 2003; LURHS, 2016; HEGGEM, 2014; LEHBERGER e HIRSCHAUER, 2016; FAO, 2017).

Em diferentes países constatou-se que o padrão tradicional de sucessão patriarcal privilegia o filho homem como potencial sucessor para assumir a propriedade rural familiar (SILVASTI, 2003; HEGGEM, 2014; LURHS, 2016). É reconhecido no meio rural que sucessores do sexo masculino e primogênitos têm maior probabilidade de assumir o patrimônio familiar (SILVASTI, 2003; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018). No entanto, a valorização da figura masculina sobre a feminina causa a “invisibilidade” das mulheres nos processos sucessórios (HEGGEM, 2014; LURHS, 2016). Desta maneira, as filhas passam a compor um grupo de potenciais sucessores que dificilmente serão consideradas nos processos sucessórios (LEHBERGER e HIRSCHAUER, 2016; LURHS, 2016).

Na Finlândia, uma vez que a gestão da propriedade rural é caracterizada como “trabalho de homens”, as filhas raramente obtêm as habilidades para assumir a propriedade rural (SILVASTI, 2003). Na Irlanda, a norma da sucessão masculina evidencia que as filhas geralmente não são levadas a esperar a igualdade na forma de um direito de herdar a propriedade rural familiar (CASSIDY e MCGRATH, 2014). Na Estônia, as mulheres não são preparadas nem estimuladas a se envolver ou se interessar pelas questões relacionadas à propriedade, ao trabalho na agricultura ou à produção agropecuária (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012).

Apesar do interesse pelas atividades agrícolas e a intenção de assumir a propriedade as filhas são, em sua maioria, ignoradas dos processos de sucessão (SILVASTI, 2003; LURHS, 2016; LEHBERGER e HIRSCHAUER, 2016). Na Austrália, muitas filhas demonstram interesse na agricultura e consideram a ocupação de agricultoras se tiverem oportunidade (LURHS, 2016). Na Estônia, uma filha poderá herdar uma propriedade caso não haja filhos homens entre as crianças, perante a impossibilidade de um filho homem assumir a propriedade ou ainda, quando os pais planejam duas gerações a frente para entregar a propriedade à um sucessor do gênero masculino (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012). Contudo, enquanto as mulheres são marginalizadas das decisões sobre a propriedade rural na Irlanda, observou-se que há um forte sentimento de apego as tradições familiares e o desejo pela continuidade da propriedade entre as gerações (CASSIDY e MCGRATH 2014).

Todavia, uma das condições necessárias para a transferência de propriedades rurais entre gerações é a disposição de possíveis sucessores (CAVICCHIOLLI *et al.*, 2018). No entanto, recentes estudos apontam para a intenção de jovens em não suceder os pais na agricultura familiar (BEDNARÍKOVÁ *et al.*, 2016; MORAIS *et al.*, 2018). O que traz implicações importantes para a sobrevivência e a continuidade das atividades agrícolas e das tradições familiares.

Para a FAO, a segurança alimentar e o desenvolvimento agrícola não podem ser alcançados sem a participação conjunta de homens e mulheres em áreas rurais. Desta maneira, a igualdade de gênero é um dos principais Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU, a serem alcançados até 2030 (FAO, 2018).

2.3 *Q-Methodology* no contexto rural

A *Q-Methodology* surgiu na década de 1930, o método foi desenvolvido pelo psicólogo e físico William Stephenson e publicado em seu livro *The study of behavior: Q technique and its methodology*, em 1953 (PREVITE *et al.*, 2007). A *Q-Methodology* sintetiza de forma particular os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos (BROWN, 1993), ao permitir extrair e revelar a opinião subjetiva dos participantes na investigação empírica, por meio da análise fatorial (CROSS, 2005; COUTO *et al.*, 2011; WATTS e STENNER, 2012).

No que se refere a forma de análise, o método consiste essencialmente em comparar o ponto de vista dos indivíduos por meio da análise estatística dos fatores, que fundamentam um conjunto de declarações ordenadas pelos participantes (BIGRAS e DESSEN, 2002;

SCHALL *et al.*, 2018). Desta maneira, o método possibilita “mudar o foco de uma narrativa individual particular para uma análise mais ampla dos diferentes pontos de vista compartilhados por um grupo de pessoas, a partir de suas próprias perspectivas, significados e opiniões” (PREVITE *et al.*, 2007). Na *Q-Methodology*, a questão de pesquisa deve ser claramente definida (PREVITE *et al.*, 2007). A partir da definição do escopo da pesquisa, a *Q-Methodology* pode ser desenvolvida em quatro etapas principais: (1) *Concourse* e seleção da amostra sobre um assunto específico (*Q-Set* ou *Q-Sample*); (2) Identificação dos participantes da pesquisa (*P-Set*); (3) Aplicação da metodologia (*Q-Sort*) e (4) Análise e interpretação dos fatores (CROSS, 2005; PREVITE *et al.*, 2007; COUTO *et al.*, 2011; SCHALL *et al.*, 2018).

A primeira etapa da *Q-Methodology* consiste no levantamento de afirmações acerca do escopo da pesquisa e na seleção de uma amostra de declarações, denominadas respectivamente de *concourse* e *q-sample* da pesquisa. O levantamento de afirmações pode ser obtido a partir de revisões de literatura, entrevistas com profissionais especializados sobre o tema, fotografias e eventuais documentos de interesse para a pesquisa (COUTO *et al.*, 2011). Segundo Previte *et al.* (2007), o *concourse* é realizado devido a “variedade de questões que existem em um determinado discurso ou temática”. Para Couto *et al.* (2011), o *concourse* corresponde a “matéria-prima” da *Q-Methodology*. Em um estudo sobre a diversidade de valores e objetivos entre produtores brasileiros de carne bovina em escala comercial, Pereira *et al.* (2016) realizaram uma revisão de literatura para obter o *concourse* de afirmações que nortearam toda a pesquisa. Para avaliar as perspectivas dos agricultores sobre melhores práticas de manejo agrícola, Schall *et al.* (2018) também fizeram uma revisão de literatura aliada a entrevistas com agricultores, agentes reguladores do governo, cientistas ambientais e sociais dentre outros elos da cadeia produtiva de arroz.

Após o *concourse*, o pesquisador seleciona uma amostra representativa de declarações que serão utilizadas na classificação Q. O conjunto de declarações que compõem a amostra é denominado em alguns estudos de *Q-Set* ou *Q-Sample* da pesquisa (COUTO *et al.*, 2011; SCHALL *et al.*, 2018). A partir de um *concourse* de 133 afirmações Pereira *et al.* (2016) selecionou uma amostra de 49 declarações, que posteriormente foram escritas em linguagem coloquial e impressas em cartões individuais para a aplicação da *Q-Methodology* no contexto estudado. Schall *et al.* (2018), por sua vez, obtiveram uma amostra de 34 declarações que resultaram de um *concourse* mais amplo, com 300 afirmações, que refletiam temas pertinentes ao levantamento realizado pelos autores. De acordo com Couto *et al.* (2011), o

número de declarações da amostra pode ter em média, entre 40 a 50 declarações. Contudo, estudos recentes aplicados no meio rural utilizaram amostras entre 16 e 49 declarações (ALEXANDER *et al.*, 2018; PEREIRA *et al.*, 2016; SCHALL *et al.*, 2018; SUMBERG *et al.*, 2017; WALDER e KANTELHARDT, 2018). As declarações podem ser subdivididas em categorias e/ou dimensões, relativas ao escopo da pesquisa. Geralmente são impressas em cartões, numerados aleatoriamente, para aplicação da metodologia.

Na segunda etapa, são identificados os participantes da pesquisa, também denominados de *P-Set*. O *P-Set* corresponde ao conjunto de pessoas, escolhidas por meio de uma amostragem intencional de participantes relevantes para a discussão do tema em questão ou que possuam características específicas em relação ao contexto que está sob investigação (SCHALL *et al.*, 2018). Em relação ao número de participantes, Webler *et al.* (2009) propõem que o *P-Set* deve ser menor do que o *Q-Sample*, ou seja, na *Q-Methodology* o número de pessoas entrevistadas deve ser menor do que o número de declarações da amostra do estudo. Desta maneira, Webler *et al.* (2009) estabelecem uma proporção de um participante para cada três declarações da *Q-Sample*.

A terceira etapa se refere a execução da *Q-Methodology*, que resulta na “construção” do *Q-Sort* pelo participante. Nesta etapa os participantes são orientados quanto aos procedimentos de aplicação da pesquisa que envolve o ordenamento de um conjunto de declarações, por meio do qual os participantes avaliam (ou classificam) um número de itens numa “tabela *Q-Sort*” (CROSS, 2005; COUTO *et al.*, 2011). A tabela *Q-Sort* é comumente apresentada, nos estudos *Q*, como uma pirâmide invertida de centro neutro (igual a zero), com pontos negativos decrescente do extremo esquerdo ao centro e pontos positivos decrescentes do extremo direito ao centro. Na Figura 1, tem-se a representação gráfica de uma tabela *Q-Sort* e os demais componentes como: a escala numérica e literal e, o número de declarações que devem ser alocadas em cada coluna. A ordenação do conjunto de declarações feita pelo participante é denominada de *Q-Sort* da pesquisa.

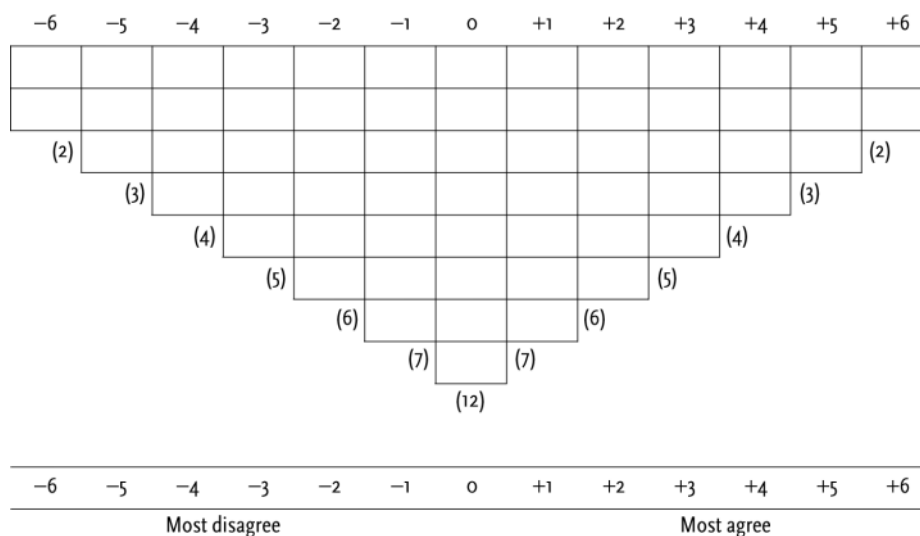


Figura 1 - Tabela *Q-Sort*.
 Fonte: Previte *et al.* (2007).

Para avaliar a diversidade de valores e objetivos entre produtores brasileiros de carne bovina em escala comercial, Pereira *et al.* (2016) aplicaram uma tabela *Q-Sort* de nove pontos, para alocação das 49 declarações que formaram a amostra do estudo. Desta maneira, a escala de pontuação das declarações variou de -4 a +4, sendo que -4 significava forte discordância e +4 forte concordância com as declarações. Schall *et al.* (2018) adotaram a mesma escala para avaliar as diferenças nas atitudes ambientais e na conscientização dos agricultores sobre melhores práticas de manejo agrícola no cultivo de arroz. Para avaliar o comportamento ambiental dos agricultores, Walder e Kantelhardt (2018) também adotaram uma escala de nove pontos que variou de -4 a +4, sendo que -4 significava “menos como eu penso” e +4 “mais como eu penso”, para alocação de 36 declarações que formaram a amostra do estudo.

Por fim, na quarta etapa, é realizada a interpretação dos dados, a partir da correlação e análise fatorial dos *Q-Sort* de todos os participantes (COUTO *et al.*, 2011; SCHALL *et al.*, 2018). Deste modo, é possível estabelecer grupos que compartilham pontos de vista ou descrições similares acerca de um conceito ou temática investigados (COUTO *et al.*, 2011). Os estudos que empregaram a *Q-Methodology*, utilizaram o *software “PQMethod”* versão 2.11, para analisar os *Q-Sorts* resultantes de suas pesquisas (PEREIRA *et al.*, 2016; WALDER e KANTELHARDT, 2018; ALEXANDER *et al.*, 2018; SCHALL *et al.*, 2018). Esse *software* possibilita a análise estatística dos dados que servem de base para a abordagem interpretativa do pesquisador (WALDER e KANTELHARDT, 2018).

O *PQMethod* é um programa estatístico adaptado aos requisitos dos estudos Q, que possibilita inserir os dados da maneira como foram coletados, ou seja, no formato da tabela *Q-Sort*. Após a inserção dos dados e a escolha dos comandos, o *software* calcula as intercorrelações entre os *Q-Sorts* e agrupa as classificações Q em fatores para posterior análise e desenvolvimento de narrativas descritivas pelo pesquisador (SCHMOLCK, 2014).

Ao correlacionar os *Q-Sorts* de todos os participantes, é possível identificar subgrupos de participantes da pesquisa que compartilham de pontos de vista semelhantes em relação à temática estudada e de acordo com a amostra de declarações da pesquisa (PEREIRA *et al.*, 2016). Na *Q-Methodology*, cada subgrupo de participantes que representa um ponto de vista é denominado de fator (SCHMOLCK, 2014). Quando extraídos, os fatores são interpretados pelo pesquisador para descrever as “expressões dos pontos de vista compartilhados entre os participantes” (WALDER e KANTELHARDT, 2018). Previte *et al.* (2007) define o processo interpretativo como uma “série de relatos resumidos”, por meio do qual o pesquisador descreve as características relevantes, bem como à similaridade e dissimilaridade dos fatores.

Uma das vantagens da *Q-Methodology* está na redução dos problemas de tendência central e da deseabilidade social, comum em pesquisas que utilizam escalas do tipo *Likert* (BIGRAS, DESSEN, 2002). O intervalo de possíveis afirmações é relativamente aberto, o que permite aos participantes expressarem os pontos de vista sobre determinado assunto (SCHALL *et al.*, 2018). Como desvantagens da *Q-Methodology* são elencados o esforço despendido pelos respondentes, a complexidade da distribuição dos itens e a classificação “forçada” das declarações na tabela *Q-Sort*, o que “obriga” os respondentes a expressarem suas opiniões a partir de uma escala previamente definida pelo pesquisador (BIGRAS e DESSEN, 2002).

A *Q-Methodology* tem sido empregada com sucesso nas Ciências Sociais e Humanas (COUTO *et al.*, 2011), se destacando principalmente em estudos de psicologia e na área da saúde (PEREIRA *et al.* 2016). No meio rural, o uso do método ainda permanece limitado, mas apresenta sinais de expansão, abordando tanto categorias amplas como categorias mais específicas, que compreendem assuntos particulares dentro do contexto rural (PEREIRA *et al.* 2016).

Previte *et al.* (2007) consideram a *Q-Methodology* uma ferramenta apropriada para o desenvolvimento de pesquisas no meio rural por quatro razões principais: o foco nas experiências subjetivas dos participantes, a partir de suas próprias perspectivas e experiências; a capacidade de subverter o poder do pesquisador ao proporcionar o desenvolvimento do

concourse e da análise dos dados de forma coletiva; o método não se preocupa com verdades definitivas, mas com o reconhecimento da “existência de numerosas verdades ou múltiplas versões da realidade e depois para explorar seus significados e implicações”; o método possibilita a capacidade de se desenvolver um conhecimento “menos reducionista, na medida em que abre a multiplicidade, complexidade, tensão e inconsistência nas subjetividades e entre subjetividades”. Pereira *et al.* (2016) argumentam que o método permite “o desenvolvimento de um conhecimento mais holístico, que reconhece a existência de construções alternativas”, cujo o foco está nas experiências dos participantes, no contexto em que o mesmo está inserido e na sua compreensão do mundo, em relação a temática apresentada.

Recentemente, a *Q-Methodology* foi utilizada no contexto rural para identificar valores e objetivos entre os produtores brasileiros de carne bovina em escala comercial (PEREIRA *et al.* 2016); compreender as atitudes e comportamentos dos agricultores em relação a ecossistemas agrícolas e produção sustentável (WALDER e KANTELHARDT, 2018); investigar as decisões dos agricultores na adoção de tecnologia para melhorar a produtividade nos sistemas de cultivo de arroz (ALEXANDER *et al.*, 2018); examinar as diferenças nas atitudes ambientais e na conscientização das partes interessadas na implementação e promoção das melhores práticas de manejo agrícola (SCHALL *et al.*, 2018).

No capítulo 2, será empregada a *Q-Methodology* para identificar os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural.

Referências

- ALEXANDER, K. S., PARRY, L., THAMMAVONG, P., SACKLOKHAM, S., PASOUVANG, S., CONNELL, J. G., JOVANOVIC, T., MOGLIA, M., LARSON, S., CASE, P. Rice farming systems in Southern Lao PDR: Interpreting farmers' agricultural production decisions using Q methodology. *Agricultural Systems*, v. 160, 1-10, 2018.
- ALDANONDO OCHOA, A.M., CASANOVAS OLIVY, V., VALMANSASÁEZ, C. Explaining farm succession: the impact of farm location and off-farm employment opportunities. *Span. J. Agric. Res.* 5, 214–225, 2007.
- BEDNAŘÍKOVÁ, Z.; BAVOROVÁ, M.; PONKINA, E. V. Migration motivation of agriculturally educated rural youth: The case of Russian Siberia. *Journal of Rural Studies*, v. 45, p. 99-111, 2016.
- BERTONI, D.; CAVICCHIOLI, D. Farm succession, occupational choice and farm adaptation at the rural-urban interface: The case of Italian horticultural farms. *Land Use Policy*, v. 57, p. 739-748, 2016.
- BIGRAS, M.; DESSEN, M. A. O método Q na avaliação psicológica: utilizando a família como ilustração. *Avaliação Psicológica*, 2, p. 119-131, 2002.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. Lei 11326/06 | Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95601/lei-11326-06>. Acesso em: 10/07/2018.
- BROWN, S.R. A primer on Q Methodology. *Operant Subject*: v. 16, p. 91-138, 1993.
- CALUS, M.; HUYLENBROECK, G. V.; LIERDE, D. V. The Relationship between Farm Succession and Farm Assets on Belgian Farms. *Sociologia Ruralis*, v.48, (1), p. 38-56, 2008.
- CASSIDY, A.; MCGRATH, B. Farm, place and identity construction among Irish farm youth who migrate. *Journal of Rural Studies*, v. 37, p. 20-28, 2015.
- CAVICCHIOLI, D., BERTONI, D., TESSER, F., FRISIO, D.G. What factors encourage intrafamily farm succession in mountain areas: evidence from an Alpine valley in Italy. *Mt. Res. Dev.* 35, 152–160, 2015.
- CAVICCHIOLI, B.; BERTONI, D.; PRETOLANI, P. Farm succession at a crossroads: The interaction among farm characteristics, labour market conditions, and gender and birth order effects. *Journal of Rural Studies*, v. 61, 73-83, 2018.
- CONTZEN, S.; FORNEY, J. Family farming and gendered division of labour on the move: a typology of farming-family configurations. *Agriculture and Human Values*. v.34, p. 27-40, 2017.

CONWAY, S. F.; MCDONAGH, J.; FARRELL, M.; KINSELLA, A. Uncovering obstacles: The exercise of symbolic power in the complex arena of intergenerational family farm transfer. *Journal of Rural Studies*, v. 54, p. 60-75, 2017.

COUTO, M.; FARATE, C.; RAMOS, S.; FLEMING, M. A metodologia Q nas ciências sociais e humanas: o resgate da subjetividade na investigação empírica. *Psicologia*, v. 2, p. 7-21, 2011.

CROSS, R.E. Exploring attitudes: the case for Q methodology. *Health Education Research: Theory & Practice Pages*. v. 20, 206–213, 2005.

DOWNEY, H.; THRELKELD, G.; WARBURTON, J.; What is the role of place identity in older farming couples' retirement considerations? *Journal of Rural Studies*. v. 50 p. 1-11, 2017.

FISCHER, H.; BURTON, R. J. F. Understanding farm succession as socially constructed endogenous cycles. *Sociologia Ruralis*, v. 54, n. 4, p. 417-438, 2014.

FOGUESATTO, C. R.; ARTUZO, F. D.; LAGO, A.; MACHADO, J. A. D. Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. *Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD*, v. 37, n. 130, p. 15-28, 2016.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Recomendaciones político-técnicas para el mejoramiento de los sistemas de ATER, con perspectiva de inclusión de género, en los países de la región. Santiago de Chile, 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). The future of food and agriculture: Trends and challenges. Rome, 2014. Disponível em: <<http://www.fao.org/publications/fofa/en>>. Acesso: Abril de 2018.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso: Setembro de 2018.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. The farm family business. Wallingford: Cab International, 1993.

GLAUBEN, T., PETRIK, M., TIETJE, T., WEISS, C.R. Probability and timing of succession or closure in family firms: a switching regression analysis of farm households in Germany. *Appl. Econ.* 41, 45–54, 2009.

GLOVER, J. L.; REAY, T. Sustaining the Family Business With Minimal Financial Rewards: How Do Family Farms Continue? *Family Business Review*, p. 163-177, 2013.

GRAEUB, B. E.; CHAPPELL, M. J.; WITTMAN, H.; LEDERMANN, S.; KERR, R.B.; GEMMILL-HERREN, B. The State of Family Farms in the World. *World Development*. v. 87, p: 1-15, 2016.

GRUBBSTRÖM, A.; SOOVÄLI-SEPPING, H. Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession. *Journal of Historical Geography*, v. 38, p. 329-339, 2012.

GRUBBSTRÖM, A.; STENBACKA, S.; JOOSSE, S. Balancing family traditions and business: Gendered strategies for achieving future resilience among agricultural students. *Journal of Rural Studies*, v. 35, p. 152-161, 2014.

HEGGEM, R. Exclusion and inclusion of women in Norwegian agriculture: Exploring different outcomes of the “tractor gene”. *Journal of Rural Studies*, v. 34, p. 263–271, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Distribuição da população por situação de domicílio. Disponível em:<<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-situacao-de-domicilio.html>>. Acesso em Setembro de 2017.

JOOSSE, S.; GRUBBSTRÖM, A. Continuity in farming - Not just family business. *Journal of Rural Studies*, v. 50, 198-208, 2017.

LEHBERGER, M.; HIRSCHAUER, N. Recruitment problems and the shortage of junior corporate farm managers in Germany: the role of gender-specific assessments and life aspirations. *Agriculture and Human Values*, v. 33, n. 3, p. 611–624, 2016.

LUHRS, D. E. Consider the daughters, they are important to family farms and rural communities too: family-farm succession. *Gender Place and Culture*. v. 23, n. 8, p. 1078-1092, 2016.

MISHRA, A.K., EL-OSTA, H.S. Effect of agricultural policy on succession decisions of farm households. *Rev. Econ. Household* 6, 285–307, 2008.

MISHRA, A.K., EL-OSTA, H.S., SHALIK, S. Succession decisions in U.S. family farm businesses. *J. Agric. Resour. Econ.* 35, 133–152, 2010.

MORAIS, M., BINOTTO, E., ROSSI BORGES, J. A. Identifying beliefs underlying successors' intention to take over the farm. *Land Use Policy*, 68, 48-58, 2017.

MORAIS, M.; ROSSI BORGES, J. A.; BINOTTO, E. Using the reasoned action approach to understand Brazilian successors' intention to take over the farm. *Land Use Policy*, v: 71, p: 445-452, 2018.

PAULILO, M. I. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Revista de Estudos Femininos*. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252. 2004.

PEREIRA, M. A.; FAIRWEATHER, J. R.; WOODFORD, K. B.; NUTHALL, P. L. Assessing the diversity of values and goals amongst Brazilian commercial-scale progressive beef farmers using Q-methodology. *Agricultural Systems*, 144, 1-8, 2016.

PREVITE, J., PINI, B., HASLAM-MCKENZIE, F., 2007. Q Methodology and rural research. *Sociologia Ruralis*, v. 47 (2), 135–147, 2007.

SCHALL, D.; LANSING, D.; LEISNHAM, P.; SHIRMOHAMMADI, A.; MONTAS, H.; HUTSON, T. Understanding stakeholder perspectives on agricultural best management

practices and environmental change in the Chesapeake Bay: A Q methodology study. *Journal of Rural Studies*, 60, 21–31, 2018.

SCHMOLCK, P. PQMethod Manual v. 2,35, 2014. Disponível em <<http://schmolck.userweb.mwn.de/qmethod/pqmanual.htm>>. Acesso em 20/08/2018.

SUESS-REYES, J., FUETSCH, E., 2016. The future of family farming: a literature review on innovative, sustainable and succession-oriented strategies. *Journal of Rural Studies*. 47, 117–140, 2016)

SUMBERG, J.; YEBOAH, T.; FLYNN, J; ANYIDOHO, N. A. Young people’s perspectives on farming in Ghana: a Q study. *Food Security*, v. 9: 151–161, 2017,

UNITED NATIONS, DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, POPULATION DIVISION (DESA). *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision, Highlights*, 2014. Disponível em: < <https://esa.un.org/unpd/wup/Country-Profiles/>>. Acesso em: 05/11/2017.

WALDER, P.; KANTELHARDT, J.; The Environmental Behaviour of Farmers–Capturing the Diversity of Perspectives with a Q Methodological Approach. *Ecological Economics*, 143, 55-63, 2018.

WATTS, S.; STENNER, P. *Doing Q Methodological Research: Theory, Method & Interpretation*. Sage Publications Ltd. 2012.

WHEELER, S.; BJORNLUND, H.; ZUO, A.; EDWARDS, J. Handing down the farm? The increasing uncertainty of irrigated farm succession in Australia. *Journal of Rural Studies*, v. 28, n. 3, p. 266-275, 2012.

ZOU, B.; MISHRA, A. K.; LUO, B. Aging population, farm succession, and farmland usage: Evidence from rural China. *Land Use Policy*. v. 77, p. 437-445, 2018.

CAPÍTULO 2 - PONTOS DE VISTA DAS FILHAS SOBRE SUCESSÃO NA PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR

1. Introdução

A agricultura familiar é a forma predominante de propriedade agrícola em todo o mundo (GRAEUB *et al.*, 2016; DOWNEY *et al.*, 2017). Porém, o êxodo rural dos jovens, o envelhecimento da população agrícola e a carência de sucessores têm sido uma tendência em diferentes países, o que impacta na continuidade da agricultura familiar (BEDNAŘÍKOVÁ, *et al.*, 2016; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018; ZOU *et al.*, 2018). Esses fenômenos também foram observados no Brasil (BUAINAIN *et al.*, 2014; FOGUESATTO *et al.*, 2016; MATTE e MACHADO, 2016; MORAIS *et al.*, 2017; MORAIS *et al.* 2018). Consequentemente, a sucessão em áreas rurais determina, cada vez mais, a sobrevivência, a continuidade e a sustentabilidade da agricultura familiar e do setor agrícola (BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016; MATTE e MACHADO, 2016; CONWAY *et al.*, 2017; LEONARD *et al.*, 2017; MORAIS *et al.*, 2017; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018; ZOU *et al.*, 2018).

O êxodo rural dos jovens, o envelhecimento da população agrícola e a carência de sucessores implicam em uma série de desvantagens para o meio rural. Na Itália, a falta de sucessores na agricultura familiar foi associada à dificuldade de transferência de conhecimento sobre a agricultura entre gerações (BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016). Na Irlanda, observou-se que agricultores mais velhos são menos propensos a adotar melhores práticas de produção (LEONARD *et al.*, 2017). Na China, o envelhecimento da população agrícola e a ausência de sucessores poderá afetar o planejamento da sucessão, a quantidade de terras agrícolas para a produção, a prosperidade e a sustentabilidade da agricultura e, consequentemente, a segurança alimentar do país (ZOU *et al.*, 2018).

Duas abordagens principais tem sido utilizada para estudar a sucessão em áreas rurais, uma com foco no agricultor associada a probabilidade de sucessão na propriedade rural familiar e outra com foco nos sucessores, associada a expectativa dos jovens em migrar do meio rural e aos fatores que influenciam essa migração. A primeira abordagem relaciona a probabilidade de sucessão a variáveis como: características da propriedade, do produtor rural e da família. Estes estudos demonstraram que são múltiplos os fatores que influenciam a probabilidade de ter um sucessor como, por exemplo, idade, gênero do produtor, nível de

escolaridade, o número de crianças na família, o tamanho da propriedade, a produtividade, o acesso a crédito e a renda, bem como, a localização da propriedade rural e a proximidade à cidade (CAVICCHIOLI *et al.*, 2015; DUDEK, 2016; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018). Estes estudos foram realizados em países europeus como a Polônia e Itália. A segunda abordagem, com foco nos sucessores, tem sido comumente utilizada para determinar as expectativas dos jovens e os fatores que influenciam as decisões de migrar para áreas urbanas e não assumir a propriedade rural familiar. Em um estudo desenvolvido na Rússia, constatou-se que o acesso ao crédito e a melhores condições de vida foram determinantes para estimular a permanência dos jovens no campo (BEDNAŘÍKOVÁ *et al.*, 2016). Na Suécia, o apego emocional a terra, o equilíbrio dos laços emocionais com a família e as tradições rurais reforçam o processo de resiliência na agricultura e influenciam a permanência e a continuidade da juventude no meio rural (GRUBBSTRÖM *et al.*, 2014). Na Austrália, constatou-se que o interesse de filhas em atuar na atividade agrícola depende de oportunidade (LUHRS, 2016).

Estudos desenvolvidos no Brasil revelaram que a migração de jovens de áreas rurais e a conseqüente falta de sucessores trazem implicações importantes para o desenvolvimento rural sustentável e para a preservação do modo de vida particular da agricultura familiar (MORAIS *et al.*, 2017; SAMBUICHI *et al.*, 2017). Além disso, foi constatado que a migração de jovens de áreas rurais suscita preocupações de ordem social, relativa ao amparo dos pais na velhice (MATTE e MACHADO, 2016). No sul do Brasil, a falta de incentivo dos pais, ausência de políticas públicas, divergências entre o meio rural e o urbano, renda insatisfatória, características do trabalho agrícola, desigualdades de gênero, busca por estudo e perspectivas profissionais influenciam a probabilidade de sucessão em áreas rurais (MATTE e MACHADO, 2016). Além disso, a subordinação do campo à cidade (CASTRO, 2013), e o desinteresse dos jovens em assumir a propriedade rural familiar, também foram apontados como fatores que influenciam a probabilidade de sucessão em áreas rurais brasileiras (FOGUESATTO *et al.*, 2016; PANNO, 2016; SPANEVELLO *et al.*, 2011). Todavia, a satisfação de cuidar da propriedade rural familiar, a facilidade de gerenciar a propriedade, o apoio e incentivo dos pais, além do reconhecimento profissional da atividade agrícola, são determinantes para aumentar a intenção dos sucessores em permanecer na propriedade (MORAIS *et al.*, 2017; MORAIS *et al.*, 2018). No entanto, estes estudos não consideram a diversidade dos pontos de vista dos sucessores sobre assumir a propriedade rural familiar.

Especificamente em relação à questão de gênero, além do desinteresse da geração mais jovem em assumir a propriedade rural familiar, fatores culturais como o padrão de sucessão

patriarcal, determinam os processos de sucessão e herança no meio rural. O filho homem é preferencialmente escolhido para assumir a propriedade rural familiar, enquanto que as filhas mulheres tornam-se “invisíveis” nos processos de sucessão, o que impulsiona a migração das mulheres para áreas urbanas (GRUBBSTRÖM e SOOVÄLI-SEPPING, 2012; HEGGEN, 2014; CAVICCHIOLI *et al.*, 2015; LEHBERGER e HIRSCHAUER, 2016; LURHS, 2016; MATTE e MACHADO, 2016; DOWNEY *et al.*, 2017; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018). Estudos realizados em propriedades rurais italianas evidenciaram que a permanência das mulheres no meio rural é substancial para continuidade das atividades agrícolas, das tradições familiares e para manter o arranjo social estabelecido (CAVICCHIOLI *et al.*, 2015; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018). No Brasil, as mulheres tradicionalmente desenvolvem sistemas mais sustentáveis, nas hortas, pomares, criação de pequenos animais e no processamento caseiro de produtos da agricultura familiar (CASTRO *et al.*, 2013; SILIPRANDI, 2013). Contudo, devido às desigualdades de gênero relacionadas à divisão do trabalho no contexto da hierarquia familiar, “as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivação para permanecer no meio rural” (BRUMER, 2004). Nesse contexto, dada a importância da agricultura familiar, a carência de sucessores e as desigualdades de gênero no meio rural, é relevante identificar os pontos de vista dos potenciais sucessores rurais.

Um método que tem sido utilizado em diversos campos da pesquisa científica para explorar conceitos subjetivos como crenças, atitudes, comportamentos e opiniões é a *Q-Methodology* (CROSS, 2005; COUTO *et al.*, 2011). Esse método é considerado adequado para a pesquisa social rural, pois permite estudar qualquer aspecto da subjetividade humana, explorando as próprias perspectivas, significados e pontos de vista das pessoas (PREVITE *et al.*, 2017). Recentemente, a *Q-Methodology* foi utilizada no contexto rural com foco nos agricultores e na produção agrícola para identificar percepções e compreender atitudes, valores e objetivos, aliados tanto a questões amplas quanto a assuntos mais específicos dentro do contexto rural (PEREIRA *et al.* 2016; WALDER e KANTELHARDT, 2018; ALEXANDER *et al.*, 2018; SCHALL *et al.*, 2018). Contudo, não foram encontrados estudos que empregaram a *Q-Methodology* no contexto rural para identificar o ponto de vista dos potenciais sucessores em relação à sucessão em propriedades rurais familiares.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. Este estudo contribui com o conhecimento científico ao permitir o levantamento da opinião subjetiva das filhas e assim aprimorar o conhecimento sobre a questão da sucessão associada ao gênero na

agricultura familiar. O uso da *Q-Methodology* também é inovador nesta temática e poderá ser explorada a sua adequação para investigar questões sobre sucessão em comunidades rurais.

2. Materiais e Métodos

2.1 Q-Methodology

A *Q-Methodology* foi utilizada para identificar os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. Os dados foram coletados por meio de uma dinâmica presencial, similar a um jogo de tabuleiro, elaborado a partir de diretrizes da *Q-Methodology* e de entrevista semiestruturada que compreendia o perfil socioeconômico das filhas e uma breve caracterização da família e propriedade rural (Apêndices I e II).

A *Q-Methodology* é um método estatisticamente suportado para examinar as diferentes perspectivas subjetivas (PEREIRA *et al.*, 2016), por meio do qual, os participantes expressam sua opinião ou ponto de vista a cerca de uma temática (SCHALL *et al.*, 2018). Neste estudo, o método foi empregado para analisar um conjunto de fatores que fundamentam o ponto de vista das filhas em relação a sucessão na propriedade rural familiar.

Segundo recomendações de Previte *et al.* (2007), estabeleceu-se, na etapa preliminar do estudo a seguinte questão de pesquisa: “O que facilitaria você assumir o lote da sua família no assentamento? ”. Assim, definindo-se o escopo da pesquisa, a *Q-Methodology* foi desenvolvida em quatro etapas principais: revisão da literatura e seleção da amostra de declarações (*Concourse* e *Q-Sample*, respectivamente); seleção dos participantes (*P-Set*); aplicação da pesquisa (*Q-Sort*); e por fim, na extração, análise e interpretação dos fatores, que serão descritas nos tópicos a seguir. A Figura 2 apresenta a síntese das etapas da *Q-Methodology* utilizada no presente estudo. As próximas subseções descrevem o passo-a-passo da aplicação dessa metodologia.



Figura 2 - Síntese das etapas da *Q-Methodology*.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Schall *et al.* (2018).

2.2 *Concourse* e *Q-sample*

Seguindo as diretrizes da *Q-Methodology*, o *concourse* foi elaborado a partir da revisão de literatura de estudos atuais que discutem gênero e sucessão rural, publicados em periódicos internacionais. A seleção dos estudos foi realizada nas bases *Web of Science* e *Science Direct* e contemplou sete artigos científicos e um artigo de revisão, que discutem respectivamente as temáticas de gênero e sucessão rural (HEGGEM, 2014; LURHS, 2016), fatores que afetam a probabilidade de sucessão dos jovens em propriedades rurais familiares (CAVICCHIOLI *et al.*, 2016; BEDNARIKOVA *et al.*, 2016; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018; MORAIS *et al.*, 2017; MORAIS *et al.*, 2018) e estratégias inovadoras, sustentáveis e orientadas para a sucessão (SUESS-REYES e FUETSCH, 2016).

Uma lista inicial de 165 afirmações foi retirada da literatura, a partir da seleção de oito artigos (HEGGEM, 2014; LURHS, 2016; SUESS-REYES e FUETSCH, 2016; CAVICCHIOLI *et al.*, 2016; BEDNARIKOVA *et al.*, 2016; MORAIS *et al.*, 2017; CAVICCHIOLI *et al.*, 2018;; MORAIS *et al.*, 2018). Nestes artigos, na sessão de resultados, foram identificadas variáveis que comprovadamente influenciaram perspectivas dos jovens

sobre a sucessão na propriedade familiar. Após o *concourse*, as afirmações foram avaliadas, uma a uma, e classificadas em três categorias principais (propriedade rural, família e sucessores) semelhante a classificação adotada por Suess-Reyes e Fuetsch (2016), que revisaram questões ligadas à estratégias inovadoras, sustentáveis e orientadas para a sucessão. Afirmações que representavam uma mesma variável ou resultado, apontado por diferentes autores ou estudos foram agrupadas. Da lista inicial de 165 afirmações, a autora desse estudo reduziu esse número para 49 afirmações. Posteriormente, cada uma das 49 afirmações foi discutida em reuniões com os pesquisadores/orientadores deste estudo, para efetuar uma nova filtragem da amostra resultante, bem como, garantir a representatividade das variáveis apontadas pela literatura. A partir de discussões, chegou-se a um total de 25 afirmações identificadas como sendo importantes para a sucessão. Essa amostra final de afirmações subsidiou a elaboração das declarações deste estudo, as quais foram escritas em linguagem coloquial e complementada com outras cinco declarações, relevantes para o contexto atual e que não haviam sido apontadas pela literatura selecionada, abrangendo: opções de lazer e cultura, acesso à tecnologia e a segurança no meio rural.

Seguindo um quadro semelhante ao estudo de Pereira *et al.* (2016), uma lista final de 30 declarações foi elaborada (Apêndice I), compreendendo três categorias principais: propriedade rural e entorno, família e identidade sucessora. As declarações foram testadas com três filhas de produtores rurais de outros assentamentos da região, a fim de verificar a funcionalidade técnica do material elaborado (etapa de validação semântica), para garantir assim, que as declarações fossem compreendidas facilmente. Durante o pré-teste, observou-se a necessidade de ajuste na declaração de nº 7 “Gostar da natureza e da vida ao ar livre”, acrescentando-se no início da frase os termos “Se eu”. Assim, a declaração de nº 7 foi reescrita da seguinte maneira “Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre”.

2.3 Seleção do *P-Set*

O estudo consistiu em entrevistar filhas de produtores rurais da agricultura familiar. As participantes deveriam ter mais que 18 anos, sem necessidade de serem residentes no meio rural ou de terem experiência em atividades agrícolas. Desta maneira, o estudo foi desenvolvido no assentamento Lagoa Grande situado na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Este assentamento foi o primeiro da cidade de Dourados (instituído em 06 de novembro de 1997, via desapropriação), caracterizado como de agricultura familiar. Compreende

4.070,77 hectares, subdivididas em 151 lotes, que possuem em média 25 hectares de área produtiva (RODE, 2014). Na Figura 3, é apresentado o mapa do assentamento Lagoa Grande.

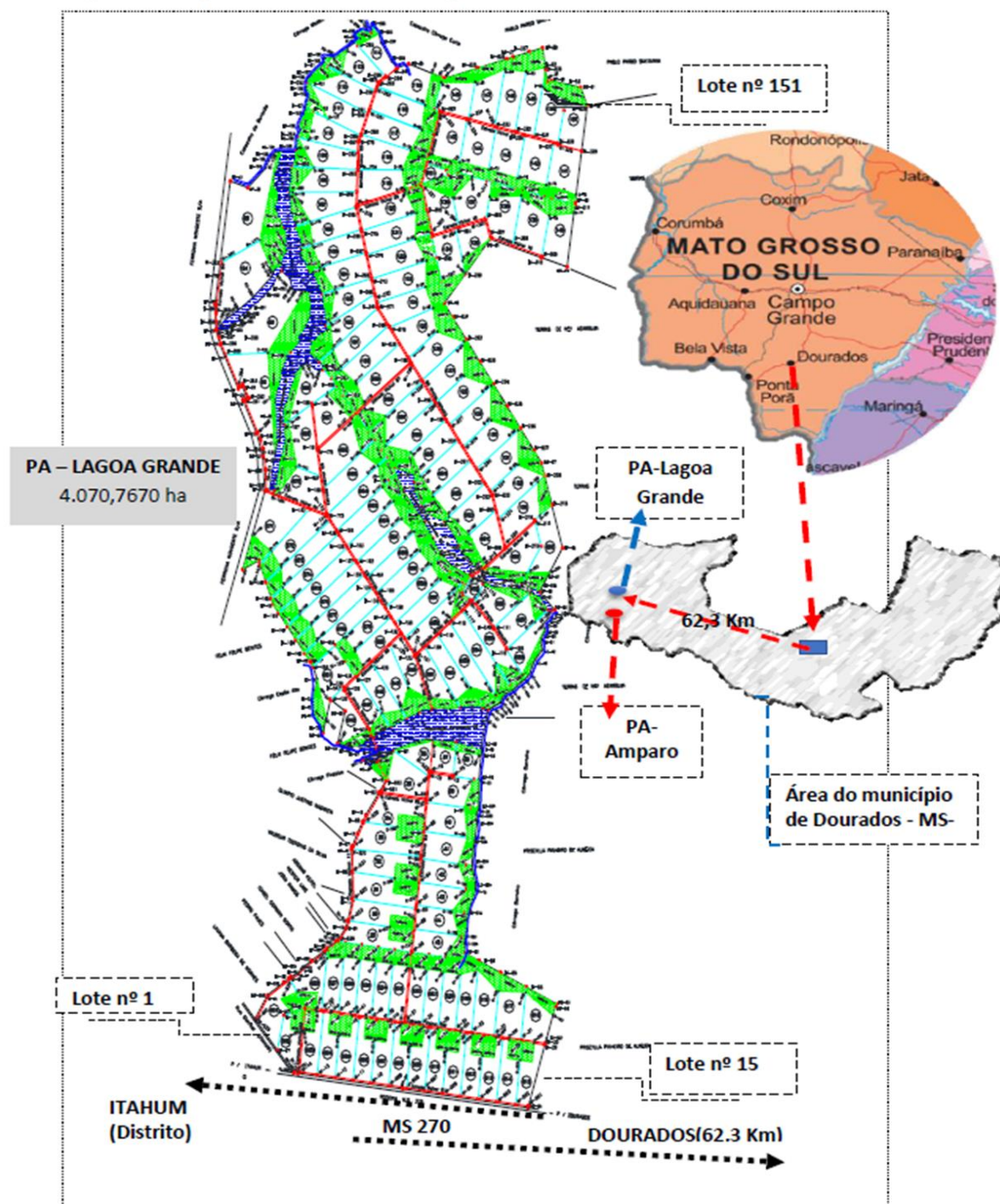


Figura 3 - Mapa do assentamento Lagoa Grande, Dourados/MS.
Fonte: Rode, 2014.

Devido a não existência de um documento oficial com o número de filhas de produtores rurais do assentamento, utilizou-se a amostragem por conveniência, considerando a

proximidade das participantes com a pesquisadora, associada ao método *snowball sampling*, por meio do qual foi solicitado às participantes que indicassem, quando possível, outras filhas que possuíam o perfil desejado para a pesquisa, o que gerou uma rede de respondentes para compor a amostra de participantes deste estudo. Ao todo, 51 filhas foram identificadas e convidadas para a pesquisa. O primeiro contato foi estabelecido por meio de redes sociais (*Facebook* e *Whatsapp*). Da lista inicial de 51 filhas, 28 participaram do estudo, sendo 11 residentes no meio rural e 17 no meio urbano. Dentre as 23 filhas que não participaram do estudo, duas já são proprietárias de outros lotes no assentamento, nove residiam em regiões distantes do município, o que inviabilizava a coleta de dados de modo presencial, dez filhas não retornaram ao convite em tempo hábil para a aplicação da pesquisa e outras duas não aceitaram participar da pesquisa. Todas as 28 filhas que participaram do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III).

2.4 Aplicação da pesquisa

A aplicação da pesquisa foi dividida em duas etapas: a primeira etapa consistiu na aplicação da *Q-Methodology* e a segunda etapa em uma entrevista semiestruturada (questionário socioeconômico) a fim de caracterizar a amostra de participantes. Para aplicação da *Q-Methodology*, foi desenvolvido um material contendo a questão de pesquisa, a escala de classificação das declarações e a tabela *Q-Sort* impressas em adesivo no tamanho A2 (42x59 cm), afixado em um tabuleiro de MDF. As declarações foram impressas em cartões individuais (5x4cm) numerados de 1 a 30, de acordo com a lista de declarações (Apêndice I). Para a entrevista semiestruturada, foram elaboradas 20 questões relativas ao questionário socioeconômico (Apêndice II). As nove primeiras questões mensuraram as características socioeconômicas das respondentes. A partir da 10ª questão, foram avaliadas características da família e da propriedade rural. Entre as 20 questões da parte socioeconômica, três foram dispostas aleatoriamente, para mensurar a intenção das filhas em assumir a propriedade rural (questões 5, 9 e 14 do Apêndice II). Nessas questões foi utilizada uma escala ancorada nos extremos, com extremo inferior representado pelo nível de concordância muito baixo (1) e extremo superior representado pelo nível de concordância muito alto (5).

Todas as participantes foram entrevistadas em agosto de 2018, de modo presencial e individualmente. As entrevistas foram realizadas na residência ou no trabalho das entrevistadas e não foram gravadas. As filhas que participaram da pesquisa residiam no meio

rural (36%) e no meio urbano (64%). Na primeira etapa, os dados foram coletados na tabela *Q-sort* de distribuição normal. Antes da aplicação do jogo, as filhas receberam informações sobre a pesquisa por meio da leitura e ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III) e, posteriormente receberam um baralho de cartas, com cada cartão contendo uma única declaração. Elas foram instruídas a ler e a considerar cada carta por vez, em relação à questão de pesquisa apresentada, e a ordenar as cartas em três pilhas de acordo com seu nível de concordância, discordância ou neutro, ou seja, aquelas com as quais concordavam, aquelas que elas discordavam, e aquelas sobre as quais elas tinham dúvidas ou eram ambivalentes. Em seguida, elas foram instruídas a ordenar cada pilha de cartas na tabela *Q-Sort*, começando pelas cartas que concordaram, com base na força de sua concordância com a declaração, procedendo da mesma maneira com as cartas que discordaram e com as cartas classificadas como neutra. Durante todo o processo, elas foram encorajadas a expressar o seu ponto de vista pessoal, por meio das declarações, em relação à questão de pesquisa apresentada, podendo alterar as declarações a qualquer momento até estarem satisfeitas com o resultado final. O ordenamento das declarações, realizado na forma de *Q-sort*, representa a visão subjetiva de cada participante sobre a questão de pesquisa (SUMBERG *et al.*, 2017).

O material utilizado neste estudo, para aplicação da *Q-Methodology* é apresentado nas Figuras 4 e 5.

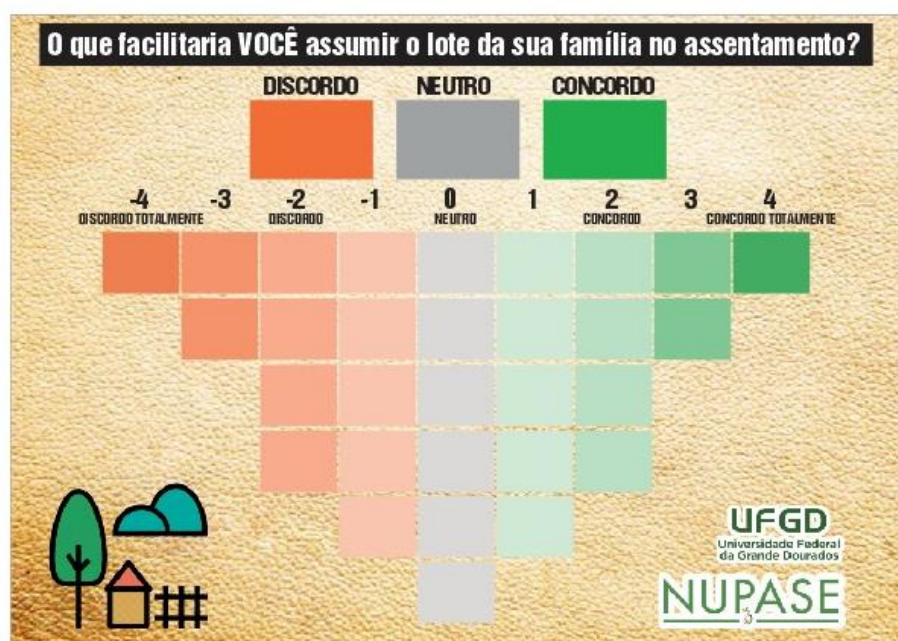


Figura 4 - Material da pesquisa: Tabuleiro *Q-Sort*.
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

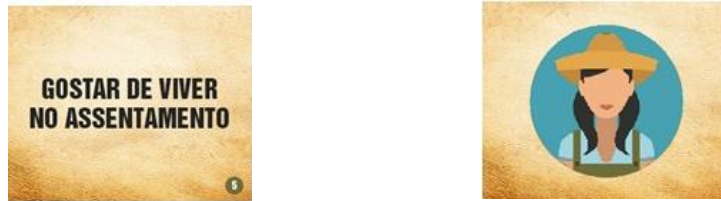


Figura 5 - Exemplo de uma declaração utilizada na pesquisa.
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As entrevistadas pontuaram as 30 declarações em uma escala que variava de -4 a +4, com -4 significando forte discordância e +4 forte concordância. Pontuações em torno de zero significavam que a participante era indiferente a declaração. Após a ordenação das declarações no tabuleiro, cada *Q-Sort* foi identificado com o primeiro nome da participante e fotografado pela pesquisadora, para garantir a confiabilidade dos dados (*cross-checking*). Ainda na presença de cada uma das participantes, a numeração dos cartões dispostas no tabuleiro foi transferida para uma folha de resposta, idêntica à tabela *Q-Sort* do jogo (Apêndice IV).

Em seguida, ao término da aplicação do “jogo” foi realizada a entrevista semiestruturada. A aplicação do “jogo” e a entrevista duraram em torno de 45 a 60 min por pessoa para serem concluídos. No total, foram realizadas 28 entrevistas. Todos os questionários completos (folha de resposta *Q-Sort* e questionário socioeconômico) foram codificados aleatoriamente, considerando o número de participantes (P1 a P28), para posterior identificação e inserção dos *Q-Sorts* no *software* utilizado para análise dos dados.

2.5 Análise fatorial Q e estatísticas descritivas

Os 28 *Q-Sort* foram analisados usando o *software PQMethod* versão 2.35 de 2014. O *software* permite o emprego da análise fatorial, com a finalidade de agrupar pontos de vista semelhantes em fatores. Genericamente, o termo fator é utilizado para caracterizar uma “combinação linear de variáveis aleatórias em subconjuntos menores de variáveis alternativas, não correlacionadas e subjacentes às variáveis originais amostradas” (MINGOTI, 2005).

Na análise fatorial Q, “os participantes carregam em fatores e as declarações têm pontuações em fatores” (SCHMOLCK, 2014). Desta maneira, um fator é definido basicamente por um grupo de participantes que “carregam de forma inequívoca o fator”, como mostrado na matriz fatorial (Tabela 1, na seção resultados). Segundo Schmolck (2014), para a interpretação dos fatores, mais importante do que a identidade dos participantes e os

coeficientes de carga fatorial, são os pontos de vista revelados pelos participantes do estudo, em suas classificações individuais. Esses pontos de vista generalizados e compartilhados fazem com que suas classificações se correlacionem altamente com o mesmo fator. Assim, o objetivo central da análise fatorial Q se constitui na criação de um “*tipo de protótipo*”, que melhor represente cada fator, ou seja, coerente com o que é geral nas visões individuais associadas ao fator (SCHMOLCK, 2014).

Neste estudo, inicialmente, foram programadas no *PQMethod*, as informações referentes ao *design* do *Q-sort* aplicado, como: a questão de pesquisa, o número total de declarações, a escala de pontuações das declarações (-4 a +4) e o respectivo número de declarações por coluna, correspondente a escala utilizada. Além disso, foi inserida a lista de declarações da maneira e na ordem correta aplicada na pesquisa. Após inserir as 28 ordenações no *PQMethod*, todos os *Q-Sorts* foram correlacionados. O método de extração utilizado foi a Análise de Componentes Principais² seguido pelo método de Rotação Ortogonal de Fatores³, utilizando-se o critério *Varimax*⁴, que possibilitaram identificar o número de fatores com cargas altas. O critério para definir o número de fatores foi o de autovalor (*eigenvalue*) superior a 1 (SCHMOLCK, 2014). Aplicando o critério de autovalor, a solução inicial não rotacionada, indicou 9 fatores para rotacionar, que representou aproximadamente 81% de variância total. Contudo, em razão de uma limitação do próprio *software*, o número máximo de fatores que podem ser extraídos pelo *PQMethod* é de oito fatores (SCHMOLCK, 2014). Desta maneira, oito fatores foram rotacionados.

Considerando o critério de significância sugerido por Brown (1980), pelo qual os fatores devem ter pelo menos duas cargas fatoriais para se qualificarem para rotação (PEREIRA *et al.*, 2016), a solução inicial de 8 fatores foi descartada. Os fatores (1), (6) e (8) apresentaram apenas uma carga fatorial para o conjunto de dados. Consequentemente, os cinco fatores restantes foram selecionados para análise posterior, representando 22 das 28 filhas que participaram do estudo (79% da amostra). A carga fatorial igual ou superior a 0,50 determinou qual fator representava o ponto de vista individual das participantes

² A análise de componentes principais é uma técnica introduzida por Karl Pearson em 1901, cujo objetivo é explicar a estrutura de variância e covariância de um vetor aleatório, através da construção de combinações lineares das variáveis originais. Estas combinações lineares são denominadas de componentes principais e são não correlacionadas entre si (MINGOTI, 2005).

³ A rotação ortogonal de fatores é um recurso utilizado para simplificar a interpretação dos fatores originais, devido a aparição de coeficientes de grandeza numérica similar e não desprezível, em vários fatores diferentes (MINGOTI, 2005).

⁴ O critério de rotação *varimax* foi proposto por Kaiser (1958), este método possibilita que o pesquisador defina o número de fatores que deseja rotacionar, na tentativa de encontrar fatores com grande variabilidade nos *loadings*, isto é, encontrar, para um fator fixo, um grupo de variáveis altamente correlacionadas com o fator e um outro grupo de variáveis que tenham correlação desprezível ou moderada com o fator (MINGOTI, 2005).

(SCHMOLCK, 2014). De acordo com Schall *et al.* (2018), quanto maior a carga de um participante em um determinado fator, maior é a sua concordância com o discurso. No geral, os cinco fatores explicaram 64% da variância total das declarações.

Apesar de optar pela solução de cinco fatores, foram realizados testes estabelecendo-se a rotação com três e quatro fatores. Tanto a solução de três quanto a de quatro fatores, representou 25 das 28 filhas que participaram do estudo (89% da amostra). Na solução de três fatores, a carga fatorial igual ou superior a 0,42 determinou qual fator melhor representava o ponto de vista de cada participante. A solução de três fatores explicou 50% da variância total. Na solução de quatro fatores, a carga fatorial igual ou superior a 0,39 determinou qual fator representava o ponto de vista de cada participante. E, explicou 57% da variância total.

Os 22 questionários socioeconômicos cujas participantes carregaram em um dos cinco fatores, foram submetidos à análise descritiva. As análises foram efetuadas considerando a totalidade de respondentes (grupo com 22 participantes) bem como, o número de participantes em cada fator (F1 a F5). Os parâmetros analisados foram a frequência, a porcentagem e os valores médio, mínimo e máximo, encontrados nas respostas, além da média da intenção das filhas em assumir a propriedade rural familiar. Também foram analisados os dados socioeconômicos das seis participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

3. Resultados

Nesta seção, são apresentados os resultados da pesquisa, que incluem a descrição dos fatores, obtida a partir da análise fatorial Q e, a caracterização do perfil das filhas, da família e propriedade rural, obtidas a partir da análise descritiva dos dados.

3.1 Descrição dos fatores

A Tabela 1 mostra a matriz de fatores rotacionada e os respectivos coeficientes de carga fatorial. As cargas fatoriais em negrito sinalizam as pontuações das declarações em fatores e, revelam ainda o carregamento das participantes em um determinado fator.

Tabela 1- Matriz fatorial dos pontos de vista das filhas sobre sucessão na propriedade rural familiar

Participantes	F1	F2	F3	F4	F5
P1	0.3701	-0.0902	0.5979	0.0020	0.1886
P2	0.1159	0.0265	0.1619	0.0978	0.7958
P3	0.1535	0.4390	0.7416	0.1769	0.0443
P4	0.6294	0.1833	0.0123	0.2310	0.3034
P5	-0.0220	-0.1580	0.1891	0.6477	0.2158
P6	-0.1633	-0.6362	0.1924	0.2628	0.3459
P7	0.0537	-0.4109	0.1290	0.6034	0.0571
P8	0.1343	-0.3879	0.6936	0.3287	-0.0361
P9	0.3310	0.0487	0.0358	0.6495	-0.0659
P10	0.0545	0.3437	0.6469	-0.0300	0.4344
P11	0.5686	0.1619	0.2468	-0.1787	-0.0803
P12*	0.4733	0.5874	-0.0351	0.3555	0.0109
P13	0.1567	0.0207	0.6475	0.1227	0.2685
P14	0.5986	0.5299	0.0330	0.1014	0.1549
P15	0.1280	-0.1074	0.3092	0.1933	0.6401
P16	0.6350	-0.2665	0.2128	0.3501	0.3388
P17	0.8277	-0.2546	0.3014	0.0880	-0.0268
P18*	0.5389	0.0751	0.0414	0.2955	0.6031
P19*	0.2600	0.5042	0.5688	0.2122	0.1868
P20	0.0189	-0.1817	0.5149	0.2265	-0.1213
P21	0.1100	-0.1120	0.6996	0.0981	0.3217
P22*	0.0399	-0.4956	0.3726	0.0206	0.3293
P23	-0.0005	-0.8688	0.0232	0.0850	0.0257
P24	-0.0664	0.1504	0.2071	0.5669	0.2951
P25	0.0910	0.1284	0.0461	0.7050	0.1300
P26*	0.5907	0.2078	0.5489	-0.2317	0.2377
P27	-0.0685	0.7186	0.2993	0.1226	0.3099
P28*	-0.2504	0.3437	0.3861	0.4493	-0.2979
Nº de classificações definidoras	5	3	7	5	2
% Var. expl.	13	14	16	11	10
Erro padrão do fator escore z	0.218	0.277	0.186	0.218	0.333
Correlação entre os escores de fatores					
Fator 1		-0.0411	0.4766	0.3069	0.3256
Fator 2			0.0813	-0.0887	-0.0642
Fator 3				0.3904	0.4508
Fator 4					0.3373

* Participantes com carregamento múltiplo entre os fatores, e, portanto, excluídas para posterior análise.
Fonte: Elaborada pela autora a partir do *software PQMethod* (2018).

Como pode ser observado na Tabela 1, os cinco fatores explicaram 64% da variância total das declarações, incluindo o Fator 1 (13%), o Fator 2 (14%), o Fator 3 (16%), o Fator 4 (11%) e, o Fator 5 (10%). De acordo com a matriz fatorial, 22 participantes determinaram os cinco fatores, assim, as análises prosseguiram com o grupo de filhas que carregou significativamente em um fator específico. No entanto, as seis participantes (P12; P18; P19; P22; P26 e P28) com carregamento múltiplo entre os fatores permaneceram relevantes para análises socioeconômicas.

Para cada um dos fatores rotacionados, o *PQMethod* apresentou um conjunto de declarações que revelam o ponto de vista das filhas sobre a sucessão na propriedade rural familiar. A Tabela 2 apresenta a lista de declarações da pesquisa e suas respectivas pontuações, que refletem o grau relativo de similaridade e distintividade de opiniões.

Tabela 2 - Lista de declarações do estudo e respectivos escores por fator rotacionado.

Nº	Declarações	F1	F2	F3	F4	F5
1	A minha família me incentivar a tocar o lote	0	2	1	0	0
2	A minha família aceitar as minhas opiniões	-2	2	-1	0	1
3	A minha família continuar me apoiando quando eu assumir o lote	0	3	2	-1	0
4	Me sentir preparada e segura para assumir e gerenciar o lote	0	4	1	1	-2
5	Gostar de viver no assentamento	4	1	-2	-1	0
6	Se a minha família trabalhar junto comigo no lote	1	2	1	0	-1
7	Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre	2	-1	-2	-3	-2
8	Aprender com as experiências da minha família a tocar o lote	0	1	2	0	4
9	Ter acesso ao crédito em bancos	-2	-2	1	2	3
10	Diversificar a produção de alimentos para consumo ou venda	1	0	-1	0	0
11	Os produtores rurais serem reconhecidos e valorizados pela sociedade	3	-1	4	-2	1
12	Ter cursos de capacitação no assentamento que ajudem o trabalho no lote	1	-3	0	1	-1
13	Ter acesso ao atendimento médico no assentamento	2	-1	0	-1	1
14	Ter liberdade e independência para tomar decisões sobre o lote	-1	2	-1	1	-4
15	Ter apoio de associações e sindicato rural	2	-4	3	1	-1
16	Ter apoio de universidades	-2	-1	-1	-2	0
17	Ter acesso a cooperativas para comprar insumos e vender a produção	0	-1	2	2	1
18	Ter opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região	-4	0	-2	-3	-2
19	Ter gente suficiente para tocar o lote	-3	1	-2	1	-1
20	Me sentir motivada para cuidar do lote e das coisas da família	-1	1	1	-1	3
21	Ter um bom relacionamento com a família	1	3	0	0	0
22	Ter um bom sinal de celular e internet	-1	0	-3	-2	-1
23	Conseguir entrar no <i>Facebook</i> ou <i>WhatsApp</i> ou <i>Instagram</i> (redes sociais)	-3	0	-4	-4	-2
24	Ter dinheiro suficiente para tocar o lote e sustentar a minha família	-1	-3	0	3	2
25	O trabalho das mulheres no campo ser mais valorizado	0	-2	3	-2	0
26	Desenvolver o comércio local (lojas e bancos)	-1	-2	-1	3	-3
27	Ter transporte de qualidade para o acesso à cidade	2	0	0	2	2
28	Ter estradas de melhor qualidade no assentamento	3	-1	2	2	2
29	Ter água e luz suficiente para o consumo e produção agrícola	1	1	0	4	2
30	Ter maior segurança no assentamento (guarda ou vigias)	-2	-2	-3	-1	-3

As declarações que mais discriminaram um fator específico estão marcadas em negrito.

Fonte: Elaborada pela autora a partir do *software PQMethod* (2018).

Seguindo o modelo de análise semelhante ao estudo de Pereira *et al.* (2016) e de Walder e Kantelhardt (2018), os cinco fatores resultantes da análise fatorial Q foram descritos usando as declarações mais distintas em relação aos demais fatores, ou seja, que caracterizam cada fator. Foram também usadas as declarações classificadas nos dois extremos da tabela *Q-Sort*, ou seja, que receberam as seguintes pontuações ± 4 , ± 3 e ± 2 . As declarações distintas também foram utilizadas para “rotular os fatores”, a fim de representar o que é geral nos pontos de vista individuais associados ao fator, sendo, portanto, assim denominados: Fator 1 - Atratividade do meio rural; Fator 2 - Família e socialização das filhas; Fator 3 - Reconhecimento; Fator 4 - Condições de trabalho e, Fator 5 - Financeiro.

A seguir foram descritos os pontos de vista compartilhados pelos subgrupos de filhas que compõem cada um dos cinco fatores de análise da pesquisa. Declarações específicas, bem como suas respectivas pontuações em cada um dos fatores foram mencionadas entre parênteses (por exemplo, D1 refere-se à declaração nº 1, da lista de declarações; ± 1 refere-se ao escore da declaração para o fator em análise). Além disso, embora os *Q-Sorts* sejam suficientes para capturar os pontos de vista das filhas, algumas estatísticas descritivas são apresentadas no item 3.2 para caracterizar a amostra de participantes e complementar as descrições relacionadas aos fatores.

Salienta-se que, neste estudo, não houve declarações de consenso entre as 22 participantes que carregaram nos cinco fatores rotacionados. No entanto, observou-se pouca variabilidade na classificação das seguintes declarações: “Diversificar a produção de alimentos para consumo ou venda” (D10), “Ter apoio de universidades” (D16), “Ter maior segurança no assentamento (guardas e vigias)” (D30), “Ter acesso a opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região” (D18), “Ter um bom sinal de celular e internet” (D22) e, “Conseguir entrar no *Facebook* ou *Whatsapp* ou *Instagram* (redes sociais)” (D23). As pontuações atribuídas pelas filhas à essas declarações variaram entre neutra (0 e ± 1) e negativa (-2, -3 e -4), na escala correspondente à tabela *Q-Sort*.

3.1.1 Fator 1 - Atratividade do meio rural

O Fator 1 foi um ponto de vista compartilhado que representou 13% da variância total das declarações. Cinco filhas (P4; P11; P14; P16; P17) carregaram significativamente no Fator 1 e três declarações distintas pontuaram neste fator: “Gostar de viver no assentamento” (D5/+4), “Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre” (D7/+2) e, “A minha

família aceitar as minhas opiniões” (D2/-2). O ponto de vista compartilhado por esse subgrupo de filhas de agricultores familiares revela que a probabilidade de sucessão pode estar relacionada, principalmente, à atratividade do meio rural.

De acordo com o ponto de vista das cinco participantes pertencentes a esse subgrupo, as declarações que versam sobre “Os produtores rurais serem reconhecidos e valorizados pela sociedade” (D11/+3), assim como, “Ter estradas de melhor qualidade no assentamento” (D28/+3), “Ter transporte de qualidade para o acesso à cidade” (D27/+2) e “Ter acesso ao atendimento médico no assentamento” (D13/+2), também foram consideradas como declarações importantes em suas decisões. Em contrapartida, “Ter acesso a opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região” (D18/-4), “Conseguir entrar no *Facebook* ou *Whatsapp* ou *Instagram* (redes sociais)” (D23/-3), “Ter gente suficiente para tocar o lote” (D19/-3); “Ter acesso ao crédito em bancos” (D9/-2), “Ter apoio de universidades” (D16/-2) e “Ter maior a segurança no assentamento (guardas e vigias)” (D30/-2) não foram priorizadas, comparadas à outras declarações, como relevantes para a decisão desse subgrupo de filhas sobre a probabilidade de assumir a propriedade rural familiar.

3.1.2 Fator 2 - Família e socialização das filhas

O Fator 2 foi um ponto de vista compartilhado que representou 14% da variância total das declarações. Três filhas (P6; P23 e P27) carregaram significativamente no Fator 2 e dez declarações distintas pontuaram neste fator: “Me sentir preparada e segura para assumir e gerenciar o lote” (D4/+4), “A minha família continuar me apoiando quando eu assumir o lote” (D3/+3), “Ter um bom relacionamento com a família” (D21/+3), “Se a minha família trabalhar junto comigo no lote” (D6/+2), “A minha família aceitar as minhas opiniões” (D2/+2), “A minha família me incentivar a tocar o lote” (D1/+2), “Ter liberdade e independência para tomar decisões sobre o lote” (D14/+2), “Ter estradas de melhor qualidade no assentamento” (D28/-1), “Ter dinheiro suficiente para tocar o lote e sustentar a família” (D24/-3) e, “Ter apoio de associações e sindicato rural” (D15/-4). O ponto de vista compartilhado por esse subgrupo de filhas de agricultores familiares revela que a probabilidade de sucessão pode estar relacionada, principalmente, ao apoio familiar e à forma de socialização das filhas para o trabalho na propriedade rural para assumir e gerenciar o lote da família no assentamento.

De acordo com o ponto de vista das três participantes pertencentes a esse subgrupo, as

declarações que versam sobre “Ter cursos de capacitação no assentamento” (D12/-3), “Ter acesso ao crédito em bancos” (D9/-2)”, “O trabalho das mulheres no campo ser mais valorizado” (D25/-2), “Desenvolver o comércio local (lojas e bancos)” (D26/-2), e “Ter maior segurança no assentamento (guardas e vigias)” (D30/-2), não foram priorizadas, comparada à outras declarações, como relevantes para a decisão desse subgrupo de filhas sobre a probabilidade de assumir a propriedade rural familiar.

3.1.3 Fator 3 - Reconhecimento

O Fator 3 foi um ponto de vista compartilhado que representou 16% da variância total das declarações. Sete filhas (P1; P3; P8; P10; P13; P20 e P21) carregaram significativamente no Fator 3 e quatro declarações distintivas pontuaram neste fator: “O trabalho das mulheres no campo ser mais valorizado” (D25/+3); “A minha família continuar me apoiando quando eu assumir o lote” (D3/+2), “A minha família me incentivar a tocar o lote” (D1/+1) e “Ter um bom sinal de celular e internet” (D22/-3). O ponto de vista compartilhado por esse subgrupo de filhas de agricultores familiares revela que a probabilidade de sucessão pode estar relacionada, principalmente, ao reconhecimento do trabalho feminino no meio rural.

De acordo com este ponto de vista das sete participantes pertencentes a esse subgrupo, as declarações que versam sobre “Os produtores rurais serem reconhecidos e valorizados pela sociedade” (D11/+4), “Ter apoio de associações e sindicato rural” (D15/+3), “Aprender com as experiências da minha família a tocar o lote” (D8/+2), “Ter acesso a cooperativas para comprar insumos e vender a produção” (D17/+2) e “Ter estradas de melhor qualidade no assentamento” (D28/+2), também foram consideradas como declarações relevantes em suas decisões. Em contrapartida, “Conseguir entrar no *Facebook* ou *Whatsapp* ou *Instagram* (redes sociais)” (D23/-4), “Ter um bom sinal de internet e celular” (D/22-3), “Ter maior segurança no assentamento (guardas ou vigias)” (D30/-3), “Gostar de viver no assentamento” (D5/-2), “Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre” (D7/-2), “Ter opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região” (D18/-2) e “Ter gente suficiente para tocar o lote” (D19/-2), não foram priorizadas, comparada à outras declarações, como relevantes para a decisão desse subgrupo de filhas sobre a probabilidade de assumir a propriedade rural familiar.

3.1.4 Fator 4 - Condições de trabalho

O Fator 4 foi um ponto de vista compartilhado que representou 11% da variância total das declarações. Cinco filhas (P5; P7; P9; P24 e P25) carregaram significativamente no Fator 4 e três declarações distintas pontuaram neste fator: “Ter água e luz suficiente para o consumo e produção agrícola” (D29/+4), “Ter dinheiro suficiente para tocar o lote e sustentar a minha família” (D24/+3) e “Desenvolver o comércio local” (lojas e bancos) (D26/+3). O ponto de vista compartilhado por esse subgrupo de filhas de agricultores familiares revela que a probabilidade de sucessão pode estar relacionada, principalmente, às expectativas muito claras das condições de trabalho no lote.

De acordo com o ponto de vista das cinco participantes pertencentes a esse subgrupo, as declarações que versam sobre “Ter acesso ao crédito em bancos” (D9/+2), “Ter acesso a cooperativas para comprar insumos e vender a produção” (D17/+2), “Ter transporte de melhor qualidade para o acesso à cidade” (D27/+2), “Ter estradas de melhor qualidade no assentamento” (D28/+2), também foram consideradas como declarações relevantes em suas decisões. Em contrapartida, “Conseguir entrar no *Facebook* ou *Whatsapp* ou *Instagram* (redes sociais)” (D23/-4), “Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre” (D7/-3), “Ter opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região” (D18/-3), “Os produtores rurais serem reconhecidos e valorizados pela sociedade” (D11/-2), “Ter apoio de universidades” (D16/-2), “Ter um bom sinal de celular e internet” (D22/-2) e “O trabalho das mulheres no campo ser mais valorizado” (D25/-2), não foram priorizadas, comparada às outras declarações, como relevantes para a decisão desse subgrupo de filhas sobre a probabilidade de assumir a propriedade rural familiar.

3.1.5 Fator 5 - Financeiro

O Fator 5 foi um ponto de vista compartilhado que representou 10% da variância total das declarações. Duas filhas (P2 e P15) carregaram significativamente no Fator 5 e oito declarações distintas pontuaram neste fator: “Aprender com as experiências da minha família a tocar o lote” (D8/+4), “Ter acesso ao crédito em bancos” (D9/+3), “Ter dinheiro suficiente para tocar o lote e sustentar a minha família” (D24/+2), “Os produtores rurais serem reconhecidos e valorizados pela sociedade” (D11/+1), “Ter apoio de universidades” (D16/0), “Me sentir preparada e segura para assumir e gerenciar o lote” (D4/-2), “Desenvolver o comércio local (lojas e bancos)” (D26/-3) e, “Ter liberdade e independência

para tomar decisões sobre o lote” (D14/-4). O ponto de vista compartilhado por esse subgrupo de filhas de agricultores familiares revela que a probabilidade de sucessão pode estar relacionada, principalmente, à questão financeira.

De acordo com o ponto de vista das duas participantes pertencentes a esse subgrupo, as declarações que versam sobre: “Me sentir motivada para cuidar do lote e das coisas da família” (D20/+3), “Ter transporte de qualidade para o acesso à cidade” (D27/+2), “Ter estradas de melhor qualidade no assentamento” (D28/+2) e “Ter água e luz suficiente para o consumo e produção agrícola (D29/+2), também foram consideradas como declarações relevantes em suas decisões. Em contrapartida, “Ter maior segurança no assentamento (guardas e vigias)” (D30/-3), “Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre” (D7/-2), “Ter opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região” (D18/-2), “Conseguir entrar no *Facebook* ou *Whatsapp* ou *Instagram* (redes sociais)” (D23/-2), não foram priorizadas, comparada à outras declarações, como relevantes para a decisão desse subgrupo de filhas sobre a probabilidade de assumir a propriedade rural familiar.

3.2 Perfil das filhas e caracterização da família e propriedade rural

A amostra de participantes do estudo foi constituída exclusivamente por filhas de produtores rurais da agricultura familiar, com idade igual ou superior a 18 anos. Considerando as 22 participantes que carregaram nos cinco fatores rotacionados, bem como as 6 participantes com carregamento múltiplo entre os fatores, as características socioeconômicas das 28 participantes são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Estatística descritiva do perfil filhas.

Variáveis	Grupo¹	Grupo²	F1	F2	F3	F4	F5
Número de participantes	22	6	5	3	7	5	2
Idade (anos)							
Média de idade	28	26	24	29	29	29	39
Idade mínima	18	21	18	29	22	20	38
Idade máxima	40	34	27	30	35	39	40
Estado civil (%)							
Solteira	32	33	60	-	29	40	-
Casada	68	67	40	100	71	60	100
Nível de escolaridade (%)							
Pós-graduação	27	17	20	67	14	40	50
Superior completo	14	-	-	-	14	20	-
Superior incompleto	27	50	40	-	29	40	-
Técnico profissionalizante	5	-	-	-	14	-	-
Médio completo	14	33	20	33	14	-	-
Médio incompleto	5	-	20	-	-	-	-
Fundamental completo	5	-	-	-	14	-	-
Fundamental incompleto	5	-	-	-	-	-	50
Meio onde reside (%)							
Rural	36	50	40	-	57	40	-
Urbano	64	50	60	100	43	60	100
Possui emprego formal (sim %)							
	61	67	60	67	71	60	100
Tem um hobby (sim %)							
	64	50	40	33	57	80	100
Finalidade do uso da internet (%)							
Estudos	31	33	33	24	36	30	25
Notícias	7	8	-	-	-	10	25
Redes sociais	43	50	56	38	45	40	25
Trabalho	19	8	11	38	19	20	25

¹Foram excluídas as 6 participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

²Características das participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da pesquisa (2018).

Das 22 participantes que carregaram nos cinco fatores rotacionados, a média de idade foi de 28 anos, sendo a maioria casada. Em relação ao nível de escolaridade, quase metade da amostra já havia concluído o ensino superior, sendo que 27% possui pós-graduação. A área de conhecimento mais frequente foi a das Ciências Humanas. Na ocasião das entrevistas, a maioria das participantes residiam no meio urbano, e migraram do meio rural em razão de: melhor acesso aos estudos, casamento e pela busca por oportunidades de trabalho. Mais da

metade das entrevistadas possui um emprego formal e declarou ter um *hobby*. Com relação as tecnologias, todas as entrevistadas possuem acesso à internet e a utilizam, principalmente, para se conectar ao *Facebook e Whatsapp*.

O grupo das seis participantes que apresentou carregamento múltiplo entre os fatores possui em média 26 anos, a maior parte é casada. Em relação ao nível de escolaridade, 50% das filhas cursava o ensino superior, principalmente em cursos ligados as Ciências Humanas. Metade das participantes reside no meio rural e a outra metade no meio urbano. A busca por estudo e o casamento foi apontado como as principais causas da migração das filhas do assentamento. Dentre as participantes deste grupo, cabe ressaltar que uma filha nunca morou no assentamento, pois, quando os pais adquiriram o lote, ela já residia e trabalhava na cidade. Mais da metade das participantes que apresentou carregamento múltiplo entre os fatores possui emprego formal e 50% declarou ter um *hobby*. Na ocasião das entrevistas, as filhas possuíam acesso à internet, e a utilizavam, sobretudo, para o acesso às redes sociais.

Em relação aos cinco fatores rotacionados, as filhas que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 1 - Atratividade do meio rural, correspondem ao subgrupo de filhas mais jovens dentre as 22 participantes que carregaram nos cinco fatores e, a maioria delas é solteira. Os pontos de vista representados pelo Fator 2 - Família e socialização das filhas, Fator 3 - Reconhecimento e pelo Fator 4 - Condições de trabalho, compreendeu os subgrupos de filhas que tem em média 29 anos de idade e, a maioria delas é casada. A maior média de idade observada foi das participantes que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 5 - Financeiro.

Quanto à escolaridade, enquanto o Fator 2 -Família e socialização das filhas, compreendeu o maior percentual de participantes que possuíam pós-graduação, o Fator 4 - Condições de trabalho se destacou em razão do elevado nível de escolaridade das participantes, que variou da graduação à pós-graduação, em nível de doutorado. Outro ponto de destaque das participantes que compartilham do ponto de vista representado pelo Fator 4 - Condições de trabalho, está relacionado à área do conhecimento dos cursos de graduação, uma vez que, este fator compreendeu o maior número de filhas com formação, ou em processo de formação, em cursos ligados às Ciências Agrárias.

Em relação ao meio onde residem as filhas, dentre os cinco fatores analisados, o Fator 3 - Reconhecimento, compreendeu o maior percentual de filhas que residem no meio rural. As filhas que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 3 - Reconhecimento, também apresentaram um nível de escolaridade bem diversificado quando comparado ao nível

de escolaridade das participantes dos demais fatores, todavia, este grupo possuía o menor percentual de especialização. Em relação ao *status* de emprego, *hobby* e a finalidade do uso da internet, não foram evidenciadas grandes divergências entre os fatores analisados.

As características das famílias e propriedades rurais são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4 - Estatística descritiva da família e da caracterização da propriedade rural.

Variáveis	Grupo ¹	Grupo ²	F1	F2	F3	F4	F5
Número de participantes	22	6	5	3	7	5	2
Posse do lote desde 1997 (sim%)	73	67	60	67	100	60	100
Pessoas que residem no lote (nº médio)	3	3	3	2	3	3	4
Irmãos (nº médio)*	2	4	1,6	1	3	1	2
Irmãos que trabalham no lote (nº médio)	0,3	0,7	0,6	0,3	0,3	0,2	-
Gênero dos irmãos que trabalham no lote							
(%)	14	-	-	-	-	20	-
Feminino	86	50	60	33	29	-	-
Masculino							
Atividade principal na propriedade (%)							
Agricultura	32	50	40	67	43	-	-
Avicultura	9	-	-	-	-	40	-
Pecuária	50	50	20	33	57	60	100
Agricultura e Pecuária	9	-	40	-	-	-	-
Possui máquinas e/ou implementos (sim%)	68	50	60	100	57	80	100
Renda familiar obtida do lote (sim%)**	14	33	40	33	29	40	-
Os pais arrendam o lote ou parte dele (sim%)	36	17	40	67	43	40	-
A família discute sobre sucessão (sim%)	55	67	80	33	43	60	50
A família tem sucessor definido (sim%)	32	33	40	33	29	40	-

¹Foram excluídas as 6 participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

²Características das participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

*Três entrevistadas não possuem irmãos (filha única).

** - Famílias que complementam a renda do lote com a aposentadoria e/ou outros empregos remunerados.

Grupo (renda) - No geral a principal fonte de complemento da renda é a aposentadoria.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da pesquisa (2018).

A família das 22 participantes que carregaram nos cinco fatores, em sua maioria, reside no assentamento a mais de 20 anos. Na ocasião das entrevistas, o pai, mãe e o irmão caçula das entrevistadas moravam nos lotes e, em alguns casos os (as) filhos (as) das entrevistadas. Em relação ao número de irmãos, três participantes são filhas únicas e as demais participantes possuem, em média, dois irmãos. No que se refere a questão de gênero ligada à socialização dos filhos no meio rural, observou-se a predominância de irmãos do gênero masculino que trabalham na propriedade. Quanto às atividades desenvolvidas,

verificou-se que há pouca diversificação na produção, predominando a criação do gado leiteiro. Em relação aos recursos disponíveis e a fonte de renda, a maioria das famílias possui máquinas ou implementos agropecuários, no entanto, a renda familiar proveniente do lote é insuficiente, sendo no geral complementada pela aposentadoria dos pais. Evidenciou-se ainda que, a maioria das famílias discute sobre a sucessão da propriedade rural, no entanto, uma pequena parcela das entrevistadas mencionou que os pais já definiram um potencial sucessor da propriedade rural familiar.

Em relação ao grupo das seis participantes que apresentaram carregamento múltiplo entre os fatores, a maioria das famílias reside no assentamento desde 1997 e, na ocasião das entrevistas, o pai, mãe e o irmão caçula moravam nos lotes. Em relação ao número de irmãos, uma das participantes era filha única e as demais participantes possuem, em média, quatro irmãos. No que se refere aos irmãos que trabalham no lote, sobressaiu a atuação de irmãos do gênero masculino. Notou-se ainda, a baixa diversificação das atividades produtivas, prevalecendo a agricultura (50%) e pecuária (50%). Metade das famílias representadas possui máquinas ou implementos agrícolas. E, uma pequena parcela (33%) obtém o seu sustento a partir da produção no lote. Neste grupo, foi relativamente baixo o percentual de arrendamento dos lotes (17%). E, ficou evidente também que, a maioria das famílias discute sobre a sucessão da propriedade rural, porém, a maior parte ainda não definiu um potencial sucessor para o lote.

Quanto às características da família e da propriedade rural familiar, as filhas que compartilham do ponto de vista representado pelo Fator 1 - Atratividade do meio rural, apresentaram o maior percentual de irmãos do gênero masculino (60%), e o maior número médio de irmãos que reside e trabalha na propriedade rural familiar (0,6), quando comparado ao Fator 2 - Família e socialização das filhas, Fator 3 - Reconhecimento, Fator 4 - Condições de trabalho e Fator 5 - Financeiro. Notou-se ainda, uma maior diversificação das atividades desenvolvidas nas propriedades rurais relacionadas ao ponto de vista representado pelo Fator 1 - Atratividade do meio rural, quando comparado aos demais fatores. Foi ainda, evidente, o elevado percentual de arrendamento do lote (67%) relacionado às participantes que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 2 - Família e socialização das filhas.

O Fator 1 - Atratividade do meio rural e Fator 4 - Condições de trabalho, também se diferenciaram dos demais, em relação as discussões de sucessão no meio rural e à identificação de um potencial sucessor para assumir a propriedade da família. Estes fatores se

assemelham em razão do número de participantes, do tempo de posse do lote pelas famílias e do número médio de pessoas que residiam nos lotes, na ocasião das entrevistas. Estes fatores divergem entre si, apenas em relação ao número médio de irmãos, ao número médio de irmãos que trabalhavam nos lotes, bem como, em relação ao gênero dos irmãos que trabalhavam nos lotes. Para as filhas que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 1 - Atratividade do meio rural, o percentual de irmãos que trabalhavam nos lotes foi do gênero masculino, enquanto que, para o ponto de vista representado pelo Fator 4 - Condições de trabalho, o percentual de irmãos que trabalhavam nos lotes foi relativo ao gênero feminino.

A Tabela 5, a seguir, apresenta as medidas para intenção das filhas em assumir a propriedade rural da família no assentamento, que foi mensurada a partir de três questões dispostas aleatoriamente no questionário socioeconômico (INT 1, INT 2 e INT 3). Nessas questões foi utilizada uma escala tipo-*Likert* (1 a 5), ancorada nos extremos, com extremo inferior representado pelo nível de concordância muito baixo (1) e extremo superior representado pelo nível de concordância muito alto (5).

Tabela 5 - Intenção das filhas em assumir a propriedade rural familiar.

INTENÇÃO (INT)	ESCALA (1 a 5)	Grupo ¹	Grupo ²	F1	F2	F3	F4	F5
Número de participantes		22	6	5	3	7	5	2
INT 1 - Você tem a intenção de assumir o lote da sua família?	Definitivamente não -Definitivamente sim	3,82	3,83	3,40	4,00	3,71	4,20	4,00
INT 2 - Quanto forte é a sua intenção de assumir o lote?	Muito fraca - Muito forte	3,64	3,50	3,40	3,67	3,43	4,20	4,00
INT 3 - Quanto provável é você assumir o lote?	Pouco provável - Muito provável	3,27	2,83	3,20	3,67	3,00	3,80	2,50
Média da intenção (INT)		3,58	3,39	3,33	3,78	3,38	4,07	3,50

¹Foram excluídas as 6 participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

²Características das participantes com carregamento múltiplo entre os fatores.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da pesquisa (2018).

A média da intenção do grupo das 22 participantes que carregaram nos cinco fatores, pode ser considerada alta em relação a escala utilizada (tipo-*Likert* de 1 a 5), sendo a média maior para a INT 1 “Você tem a intenção de assumir o lote da sua família?” e a menor média para a INT 3 “Quanto provável você irá assumir o lote?”. Assim, a intenção das filhas em assumir a propriedade rural familiar, pode ser considerada alta, com base na média da intenção calculada, que foi de 3,58. A média da intenção das seis participantes que apresentou

carregamento múltiplo entre os fatores (3,39), foi inferior à média da intenção do grupo das 22 participantes que carregaram nos cinco fatores. Esse grupo também apresentou a média maior para a INT 1 “Você tem a intenção de assumir o lote da sua família?” e a menor INT 3 “Quanto provável você irá assumir o lote?”. Esses resultados mostram que, embora as filhas tenham a intenção de assumir a propriedade rural familiar, elas consideram que a probabilidade de assumir é menor do que intenção de assumir.

Em relação aos cinco fatores analisados, as participantes que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 1 - Atratividade do meio rural apresentaram uma menor intenção em assumir a o lote da família, quando comparada à média da intenção das participantes que carregaram no Fator 2 - Família e socialização das filhas, Fator 3 - Reconhecimento; Fator 4 - Condições de trabalho e Fator 5 - Financeiro. Todavia, as participantes que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 4 - Condições de trabalho, apresentaram uma maior intenção em assumir o lote da família no assentamento, quando comparado à média da intenção das participantes que carregaram nos demais fatores analisados.

4. Discussão

Neste estudo identificou-se os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. O uso da *Q-Methodology* possibilitou simplificar a diversidade de respostas, por meio de combinações lineares (fatores) que facilitam, por exemplo, a identificação das participantes que valorizam mais um determinado aspecto relacionado a probabilidade de sucessão. Assim, foi possível agrupar os pontos de vista semelhantes acerca da temática estudada em cinco fatores principais, que explicaram 64% da variabilidade total do estudo. No Fator 1 - Atratividade do meio rural, observou-se que gostar de viver no meio rural aumentaria a probabilidade das filhas em assumir o lote da família no assentamento. As filhas que compartilharam do ponto de vista representado pelo Fator 1, demonstraram desinteresse pelo modo de vida no meio rural. No Fator 2 - Família e socialização das filhas, observou-se que o apoio e incentivo da família para o trabalho no lote facilitaria a sucessão na propriedade rural familiar. No Fator 3 - Reconhecimento, observou-se que a valorização do trabalho das mulheres no campo, aliado ao apoio e incentivo da família, aumentaria a probabilidade das filhas em suceder os pais na agricultura familiar. No Fator 4 - Condições de trabalho, observou-se que ter água e luz para o consumo e produção agrícola e desenvolver o comércio local, facilitariam a sucessão na propriedade rural familiar. No Fator 5 - Financeiro, observou-se que ter recursos financeiros para o assentamento e a manutenção do lote, facilitariam a sucessão na propriedade rural familiar.

5 - Financeiro, observou-se que o acesso ao crédito em bancos aumentaria a probabilidade das filhas em assumir o lote da família no assentamento. Comparado à outras declarações, o acesso à informação, comunicação, lazer e a segurança no assentamento não foram priorizados nas decisões das filhas em assumir o lote da família, assim, pode-se sugerir que a maioria das participantes do estudo têm uma percepção positiva sobre o modo de vida e a segurança no assentamento.

De acordo com os resultados da análise fatorial, três dos cinco pontos de vista compartilhados pelas filhas, representados pelos fatores Atratividade do meio rural, Família e socialização das filhas e Reconhecimento, estão relacionados às dimensões família e identidade sucessora. Estes fatores compreenderam 68% das participantes com cargas fatoriais atribuíveis à um dos cinco fatores identificados e ressaltam a importância dos fatores psicológicos na probabilidade de sucessão em propriedades rurais familiares. Estes resultados corroboram com o estudo de Moraes *et al.* (2017), que observaram que a intenção de jovens brasileiros na sucessão é determinada pela satisfação de cuidar do patrimônio familiar, pela facilidade para gerenciar a propriedade, pelas influências familiares e o reconhecimento profissional. Em contraste, os outros dois pontos de vista compartilhados pelas filhas, representados pelos fatores Condições de trabalho e Financeiro, estão relacionados à dimensão propriedade rural e entorno. Estes fatores compreendem 32% das participantes com cargas fatoriais atribuíveis à um dos cinco fatores identificados e ressaltam a importância da disponibilidade de recursos econômicos para a probabilidade de sucessão nas propriedades rurais familiares. Estes resultados corroboram com o estudo de Bednaříková *et al.* (2016), que constataram que o desejo de trabalhar na agricultura, o acesso ao crédito e a melhores condições de vida foram determinantes para estimular a permanência dos jovens russos em áreas rurais.

De acordo com os resultados da análise descritiva, tanto o grupo das 22 participantes que carregaram nos cinco fatores analisados, quanto o grupo das seis participantes com carregamento múltiplo entre os fatores, demonstraram uma intenção positiva em assumir o lote da família. No entanto, verificou-se, em ambos os grupos, que o desejo de assumir a propriedade é maior do que a percepção das filhas em relação a probabilidade de assumir o lote. No que se refere aos cinco fatores analisados, as participantes que compartilharam dos pontos de vista representados pelos fatores Atratividade do meio rural, Família e socialização das filhas, Reconhecimento e Financeiro, apresentaram uma menor probabilidade de assumir o lote da família no assentamento, quando comparada as suas intenções de assumir o lote.

Esse resultado pode estar relacionado ao percentual de irmãos do gênero masculino (86%), como também, às características de perfil das filhas, da família e da propriedade. Estudos realizados em diferentes países constataram que os ativos totais da propriedade (CALUS *et al.*, 2008), o apego emocional ao patrimônio familiar (CASSIDY e MCGRATH, 2014; MORAIS *et al.*, 2017), as influências familiares e o reconhecimento profissional (MORAIS *et al.*, 2017), assim como, o tamanho da propriedade e a rentabilidade das atividades agrícolas, influenciam a probabilidade de sucessão em propriedades rurais familiares (FISCHER e BURTON, 2014; BERTONI e CAVICCHIOLI, 2016; MORAIS *et al.*, 2017).

Em contrapartida, as filhas que compartilharam do ponto de vista representado pelo fator Condições de trabalho, além da intenção positiva em assumir o lote da família no assentamento, também manifestaram, em comparação aos demais fatores analisados, uma maior probabilidade de assumir a propriedade rural. Distinto de outros pontos de vista, há uma postura aparentemente focada na produção, que ressalta o estabelecimento de parcerias com instituições financeiras e cooperativas. Esses resultados podem estar associados a atuação das filhas no trabalho no lote, bem como à ausência de irmãos do gênero masculino na família, o que possibilita as estas filhas uma maior probabilidade de assumir o lote da família no assentamento. Em relação a intenção dos sucessores, Morais *et al.* (2018), observaram que a avaliação positiva do sucessor de assumir a propriedade, seguida por suas percepções positivas sobre sua própria capacidade, bem como, por suas percepções sobre a pressão social para assumir os negócios da família exercem efeitos positivos sobre a sucessão.

Algumas características relacionadas ao perfil das entrevistadas e a caracterização da família e da propriedade rural, como a idade das filhas, o nível de escolaridade, o meio onde residem, a condição de emprego atual, o número e o gênero dos irmãos, podem exercer influências positivas e negativas na probabilidade de sucessão, contudo tais características não foram testadas, mas algumas delas, serviram de base para elucidar algumas questões específicas. As filhas que compartilharam do ponto de vista representado pelo fator Atratividade do meio rural, por exemplo, foram as participantes mais jovens da população amostrada e revelaram uma menor intenção em assumir o lote da família no assentamento quando comparada à intenção das participantes que carregaram nos demais fatores. Para estas filhas, “Se eu gostar de viver no assentamento” foi elencada como a principal variável que impacta na probabilidade de assumir o lote da família, o que sugere que estas filhas não estão satisfeitas com o estilo de vida rural, o que poderá impulsionar a migração destas para a cidade. Esses resultados corroboram com o estudo de Grubbström *et al.* (2014) e de Fischer e

Burton (2014) que verificaram que o apego emocional a terra, o equilíbrio dos laços emocionais com a família e as tradições no meio rural, reforçam o processo de resiliência na agricultura e desempenham um papel relevante no desenvolvimento e na manutenção da identidade sucessora.

Em relação ao meio de residência, a maioria das participantes, que carregaram nos cinco fatores analisados, migraram das propriedades rurais em busca de formação profissional e/ou oportunidades de emprego, o que sugere o predomínio do padrão cultural de sucessão patriarcal e as desigualdades de gênero no meio rural. Estes resultados são consistentes com os estudos realizados por Bednaříková *et al.* (2016), Luhrs (2016) e Cavicchioli *et al.* (2018) na Rússia, Austrália e na Itália, respectivamente. Estes autores constataram que as mulheres são mais propensas a migrar de áreas rurais do que os homens, devido à falta de oportunidades de emprego, as diferenças de renda e ao número de irmãos que vivem na propriedade. Na Estônia, Grubbström e Sooväli-Sepping (2012) constataram que uma filha poderia herdar uma propriedade caso não houvessem filhos homens entre as crianças; perante a impossibilidade de um filho homem assumir a propriedade ou ainda, quando os pais planejavam duas gerações a frente para entregar a propriedade à um sucessor do gênero masculino. No entanto, estudos realizados em propriedades rurais italianas, por exemplo, evidenciaram que a permanência das mulheres no meio rural é substancial para continuidade das atividades agrícolas, das tradições familiares e para manter o arranjo social estabelecido (CAVICCHIOLI *et al.*, 2015). Ainda, estudos realizados no Brasil apontam, que as mulheres tradicionalmente desenvolvem sistemas agrícolas mais sustentáveis por meio do cultivo em hortas, pomares, criação de pequenos animais e o processamento caseiro de alimentos (CASTRO *et al.*, 2013; SILIPRANDI, 2013).

Apesar da importância da atuação feminina em áreas rurais, os resultados deste estudo mostraram uma baixa participação de filhas nas atividades desenvolvidas no lote. Na ocasião das entrevistas, somente 14% das filhas mencionaram ter irmãs que trabalhavam no lote, e a principal atividade desenvolvidas por elas estava relacionada ao cuidado de pequenos animais. A atuação destas filhas na propriedade, pode estar condicionada a ausência de irmãos do gênero masculino na família. Esses resultados são consistentes com o estudo realizado por Silvasti (2003) na Finlândia. A autora constatou que a gestão da propriedade rural é caracterizada como um trabalho masculino e desta maneira, as filhas raramente obtêm as habilidades para assumir a propriedade rural. No estudo realizado por Glover (2014) na Inglaterra, ficou evidente que o paternalismo com viés de gênero dificulta que as filhas sejam

consideradas como potenciais sucessoras na agricultura familiar. Na Itália, Cavicchioli *et al.* (2018) constataram que o número e o gênero dos irmãos limitam as filhas à probabilidade de suceder os pais em propriedades rurais familiares. Isso aponta para a necessidade de uma abordagem mais direcionada para famílias, em relação a importância do planejamento da sucessão nas propriedades rurais e, principalmente, com foco nas filhas dos produtores rurais da agricultura familiar. Tais estratégias poderão ser alcançadas por meio de políticas públicas ou privadas que promovam a conscientização da família sobre a importância da socialização das filhas para a sucessão, do reconhecimento e valorização do trabalho feminino aliado à igualdade de gênero no meio rural e, além disso, promover a atratividade da propriedade rural familiar. Fischer e Burton (2014) veem a socialização como uma “janela de oportunidade” na relação do sucessor com a propriedade que tem implicações importantes para a construção da “identidade natural dos sucessores”. Na Suécia, Grubbström *et al.* (2014) constataram que o apego emocional a terra, o equilíbrio dos laços emocionais com a família e as tradições rurais reforçam o processo de resiliência na agricultura e influenciam a permanência e a continuidade da juventude no meio rural.

Considerando o grupo das 22 participantes, os resultados mostraram ainda que a maioria das famílias reside no assentamento a mais de 20 anos (73%), possuem máquinas e/ou implementos agrícolas (68%), tem a pecuária e a agricultura como as principais atividades produtivas, no entanto, a maioria dos pais é aposentada ou desempenha outras atividades para complementar a renda proveniente do lote. Em relação ao planejamento da sucessão, verificou-se que apenas 32% das famílias possui um potencial sucessor identificado. Em um estudo realizado por Inwood e Sharp (2012), nos Estados Unidos, para explorar a relação entre adaptação e sucessão, os autores identificaram que as famílias que não conseguem identificar um sucessor desinvestem ou entram em um modo de gerenciamento estático. Na Itália, Bertoni e Cavicchioli (2016) constataram que a falta de sucessores na agricultura familiar pode dificultar a transferência de conhecimento sobre a agricultura entre as gerações. E, na Irlanda, Leonard *et al.* (2017) observaram que agricultores mais velhos são menos propensos a adotar melhores práticas de produção agrícola.

O presente estudo identificou cinco fatores importantes que emergiram dos diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. O fator Atratividade do meio rural é influenciado pelo desinteresse das filhas pelo modo de vida no meio rural. O fator Família e socialização das filhas é influenciado pela possibilidade da família considerar as filhas como potenciais sucessoras e desta maneira transmitir a elas, por

meio da socialização, os conhecimentos e habilidades necessárias para o trabalho na propriedade rural. O fator Reconhecimento é influenciado pela valorização das filhas, por parte da família, como potenciais sucessoras que podem contribuir para a continuidade do trabalho nas propriedades rurais. O fator Condições de Trabalho é influenciado por necessidades muito claras de se ter recursos para produzir no lote e comercializar a produção. O fator Financeiro é influenciado pela disponibilidade do acesso a créditos em bancos que facilitariam o investimento na propriedade afim de gerar renda para a família. A opinião subjetiva das filhas de agricultores familiares revelou, sobretudo, que os fatores psicológicos aliado a questão do gênero, influenciam a probabilidade de sucessão na agricultura familiar.

5. Considerações Finais

O uso da *Q-Methodology* é inovador nas discussões sobre a sucessão na agricultura familiar. Este é o primeiro estudo que emprega a *Q-Methodology* com foco nos diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares sobre assumir a propriedade rural. O estudo revelou que as filhas têm uma intenção positiva em assumir o lote da família no assentamento e essa intenção está atrelada, principalmente, à fatores psicológicos e econômicos, que apontam para a relevância da socialização das crianças no meio rural e para a disponibilidade de recursos que possam subsidiar a produção agrícola, a geração de renda e o sustento da família no lote. No entanto, se faz necessária uma mudança de paradigma, qual seja, deslocar a ênfase na sucessão patriarcal, que privilegia o filho homem, para uma ênfase na valorização do gênero feminino por meio do reconhecimento das filhas com potenciais sucessoras que podem contribuir para a manutenção, sobrevivência e a continuidade da propriedade rural familiar. Os resultados indicam que há diferentes pontos de vista que devem ser considerados ao se analisar a probabilidade de sucessão em áreas rurais. Esses diferentes pontos de vista devem ser considerados por formuladores de políticas públicas e de empresas privadas por meio de iniciativas para promover a sucessão rural, com foco em educação profissional voltada a administração do lote, a geração de renda e a qualidade de vida no assentamento, e assim possibilitar a permanência de potenciais sucessoras femininas nas propriedades rurais familiares.

Este estudo apresenta algumas limitações. Primeiro, é necessário ter cautela com a generalização dos resultados, pois a amostra de participantes é pequena e está restrita a um assentamento específico. Segundo, não foram coletados dados sobre os motivos das filhas

terem escolhido à ordenação das declarações na tabela *Q-Sort* ao término da dinâmica aplicada, o que possibilitaria reforçar o ponto de vista compartilhado, aliado aos discursos em relação às declarações de forte concordância e discordância. Contudo, o uso da *Q-Methodology* para identificar os diversos pontos de vista das filhas de agricultores familiares em assumir a propriedade rural provou ser útil para discutir a temática da sucessão no meio rural, pois, contribui para reforçar a importância de se considerar os diversos pontos de vista que influenciam a probabilidade de sucessão em áreas rurais.

Como sugestões de pesquisas futuras, acredita-se que analisar o ponto de vista dos agricultores na escolha dos potenciais sucessores para assumir a propriedade rural familiar permitiria entender melhor as perspectivas subjetivas que perpassam as visões individuais dos pais na socialização dos filhos e filhas. Além disso, focando nos agricultores, a pesquisa poderia contribuir para um melhor entendimento de como a questão de gênero se desdobra no núcleo familiar, quando se trata da escolha do sucessor para a propriedade rural. Aliado ao ponto de vista dos pais, seria interessante também, conhecer os diferentes pontos de vista dos filhos do gênero masculino, para identificar quais fatores influenciam a probabilidade de sucessão e assim, comparar os pontos de vista considerando o gênero dos sucessores.

Referências

- ALEXANDER, K. S., PARRY, L., THAMMAVONG, P., SACKLOKHAM, S., PASOUVANG, S., CONNELL, J. G., JOVANOVIC, T., MOGLIA, M., LARSON, S., CASE, P. Rice farming systems in Southern Lao PDR: Interpreting farmers' agricultural production decisions using Q methodology. *Agricultural Systems*, v. 160, 1-10, 2018.
- BEDNAŘÍKOVÁ, Z.; BAVOROVÁ, M.; PONKINA, E. V. Migration motivation of agriculturally educated rural youth: The case of Russian Siberia. *Journal of Rural Studies*, v. 45, p. 99-111, 2016.
- BERTONI, D.; CAVICCHIOLI, D. Farm succession, occupational choice and farm adaptation at the rural-urban interface: The case of Italian horticultural farms. *Land Use Policy*, v. 57, p. 739-748, 2016.
- BRANDTH, B. Gender Identity in European Family Farming: A Literature Review. *Sociologia Ruralis*. v. 42, (3), p. 181-200, 2002.
- BRUMER, Anita. GÊNERO E AGRICULTURA: A SITUAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA DO RIO GRANDE DO SUL. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205, jan. 2004.
- BUAINAIN A.M.; ALVES E.; SILVEIRA, J.M.; NAVARRO, Z. O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.
- CALUS, M.; HUYLENBROECK, G. V.; LIERDE, D. V. The Relationship between Farm Succession and Farm Assets on Belgian Farms. *Sociologia Ruralis*, v.48, (1), p. 38-56, 2008.
- CASSIDY, A.; MCGRATH, B. Farm, place and identity construction among Irish farm youth who migrate. *Journal of Rural Studies*, v. 37, p. 20-28, 2015.
- CASTRO, E. G. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural. Rio de Janeiro, 2013.
- CAVICCHIOLI, B.; BERTONI, D.; PRETOLANI, P. Farm succession at a crossroads: The interaction among farm characteristics, labour market conditions, and gender and birth order effects. *Journal of Rural Studies*, v. 61, 73-83, 2018.
- CAVICCHIOLI, D.; BERTONI, D.; TESSER, F; FRISIO, DG. What Factors Encourage Intrafamily Farm Succession in Mountain Areas? *Mountain Research and Development*, v. 35, n. 2, p. 152-160, 2015.
- COUTO, M.; FARATE, C.; RAMOS, S.; FLEMING, M. A metodologia Q nas ciências sociais e humanas: o resgate da subjectividade na investigação empírica. *Psicologia*, v. XXV (2), Edições Colibri, Lisboa, p. 7-21, 2011.
- CROSS, R.E. Exploring attitudes: the case for Q methodology. *Health Education Research: Theory & Practice Pages*. v. 20, 206-213, 2005.
- CUSH, P.; MACKEN-WALSH, A.; BYRNE, A. Joint Farming Ventures in Ireland: Identidades de gênero do eu e do social. *Revista de Estudos Rurais*. v. 57, p. 55-64, 2018.

DOWNEY, H.; THRELKELD, G.; WARBURTON, J.; What is the role of place identity in older farming couples' retirement considerations? *Journal of Rural Studies*, v. 50 p. 1-11, 2017.

DUDEK, M. A matter of family? An analysis of determinants of farm succession in Polish agriculture. *Studies in Agricultural Economics*, v. 118 (2), p. 61-67, 2016.

FISCHER, H.; BURTON, R. J. F. Understanding farm succession as socially constructed endogenous cycles. *Sociologia Ruralis*, v. 54, n. 4, p. 417-438, 2014.

FOGUESATTO, C. R.; ARTUZO, F. D.; LAGO, A.; MACHADO, J. A. D. Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. *Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD*, v. 37, n. 130, p. 15-28, 2016.

GLOVER, J. L.; REAY, T. Sustaining the Family Business With Minimal Financial Rewards: How Do Family Farms Continue? *Family Business Review*, p. 163-177, 2013.

GRAEUB, B. E.; CHAPPELL, M. J.; WITTMAN, H.; LEDERMANN, S.; KERR, R.B.; GEMMILL-HERREN, B. The State of Family Farms in the World. *World Development*, v. 87, p: 1-15, 2016.

GRUBBSTRÖM, A.; SOOVÄLI-SEPPING, H. Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession. *Journal of Historical Geography*, v. 38, p. 329-339, 2012.

GRUBBSTRÖM, A.; STENBACKA, S.; JOOSSE, S. Balancing family traditions and business: Gendered strategies for achieving future resilience among agricultural students. *Journal of Rural Studies*, v. 35, p. 152-161, 2014.

HEGGEM, R. Exclusion and inclusion of women in Norwegian agriculture: Exploring different outcomes of the “tractor gene”. *Journal of Rural Studies*, v. 34, p. 263–271, 2014.

INWOOD, S. M.; SHARP, J. S. Farm persistence and adaptation at the rural–urban interface: Succession and Farm Adjustment. *Journal of Rural Studies*, v. 28, n. 1, p. 107-117, 2012.

LEHBERGER, M.; HIRSCHAUER, N. Recruitment problems and the shortage of junior corporate farm managers in Germany: the role of gender-specific assessments and life aspirations. *Agriculture and Human Values*, v. 33, n. 3, p. 611–624, 2016.

LEONARD, B.; KINSELLA, A.; O'DONOGHUE, C.; Policy drivers of farm succession and inheritance. *Land Use Policy*, v. 61, p. 147-159, 2017.

LUHRS, D. E. Consider the daughters, they are important to family farms and rural communities too: family-farm succession. *Gender Place and Culture*, v. 23, n. 8, p. 1078-1092, 2016.

MATTE, A., MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. *Revista de Estudos Sociais*, 18 (37), 130-151, 2016.

MINGOTI, Sueli Aparecida. Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 297, 2005.

MORAIS, M., BINOTTO, E., ROSSI BORGES, J. A. Identifying beliefs underlying successors' intention to take over the farm. *Land Use Policy*, 68, 48-58, 2017.

MORAIS, M.; ROSSI BORGES, J. A.; BINOTTO, E. Using the reasoned action approach to understand Brazilian successors' intention to take over the farm. *Land Use Policy* v: 71, p: 445-452, 2018.

PANNO, F. Sucessão geracional na agricultura familiar: valores, motivações e influências que orientam as decisões dos atores. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. (Tese de doutorado)

PEREIRA, M. A.; FAIRWEATHER, J. R.; WOODFORD, K. B.; NUTHALL, P. L. Assessing the diversity of values and goals amongst Brazilian commercial-scale progressive beef farmers using Q-methodology. *Agricultural Systems*, 144, 1-8, 2016.

PREVITE, J., PINI, B., HASLAM-MCKENZIE, F., 2007. Q Methodology and rural research. *Sociologia Ruralis*, v. 47 (2), 135–147, 2007.

RODE, M. A gestão da propriedade rural: um estudo de caso a partir da realidade do assentamento lagoa grande, em dourados - Mato Grosso do Sul. Dourados, MS: UFGD, 2014. 79f. (Dissertação de mestrado)

SAMBUICHI, R.H.R; MOURA, I. F.; MATTOS, L.M.; ÁVILA, M.L; SPÍNOLA, P.A.C; SILVA, A.P.M. A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta e desenvolvimento sustentável. Brasília: Ipea, 277-295.

SCHALL, D.; LANSING, D.; LEISNHAM, P.; SHIRMOHAMMADI, A.; MONTAS, H.; HUTSON, T. Understanding stakeholder perspectives on agricultural best management practices and environmental change in the Chesapeake Bay: A Q methodology study. *Journal of Rural Studies*, 60, 21–31, 2018).

SCHMOLCK, P. PQMethod Manual v. 2.35, 2014. Disponível em <<http://schmolck.userweb.mwn.de/qmethod/pqmanual.htm>>. Acesso em 20/08/2018.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras e a construção do desenvolvimento agroecológico no Brasil. In: NEVES, D.P.; MEDEIROS, L.S. Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, p.329-343.

SILVASTI, T. Bending Borders of Gendered Labour Division on Farms: the Case of Finland. *Sociologia Ruralis*, v. 43 (2), 2003.

SPANVELLO R. M.; AZEVEDO, L.F.; VARGAS, L.P. MATTE, A. A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. *Revista de Ciências Humanas*. v. 45 , p. 291 – 304, 2011.

SUESS-REYES, J., FUETSCH, E., 2016. The future of family farming: a literature review on innovative, sustainable and succession-oriented strategies. *Journal of Rural Studies*. 47, 117–140, 2016)

SUMBERG, J.; YEBOAH, T.; FLYNN, J; ANYIDOHO, N. A. Young people's perspectives on farming in Ghana: a Q study. *Food Security*, v. 9: 151–161, 2017,

WALDER, P.; KANTELHARDT, J. The Environmental Behaviour of Farmers–Capturing the Diversity of Perspectives with a Q Methodological Approach. *Ecological Economics*, 143, 55-63, 2018.

ZOU, B.; MISHRA, A. K.; LUO, B. Aging population, farm succession, and farmland usage: Evidence from rural China. *Land Use Policy*. v. 77, p. 437-445, 2018.

APÊNDICE I - LISTA DE DECLARAÇÕES

O que facilitaria VOCÊ assumir o lote da sua família no assentamento?

1. A minha família me incentivar a tocar o lote.
2. A minha família aceitar as minhas opiniões.
3. A minha família continuar me apoiando quando eu assumir o lote.
4. Me sentir preparada e segura para assumir e gerenciar o lote.
5. Gostar de viver no assentamento.
6. Se a minha família trabalhar junto comigo no lote.
7. Se eu gostar da natureza e da vida ao ar livre.
8. Prender com as experiências da minha família a tocar o lote.
9. Ter acesso ao crédito em bancos.
10. Diversificar a produção de alimentos para consumo ou venda.
11. Os produtores rurais serem reconhecidos e valorizados pela sociedade.
12. Ter cursos de capacitação no assentamento que ajudem o trabalho no lote.
13. Ter acesso a atendimento médico no assentamento.
14. Ter liberdade e independência para tomar decisões sobre o lote.
15. Ter o apoio de associações e sindicato rural.
16. Ter o apoio de universidades.
17. Ter acesso a cooperativas para comprar insumos e vender a produção.
18. Ter opções de lazer, esporte e diversão no assentamento e região.
19. Ter gente suficiente para tocar o lote.
20. Me sentir motivada para cuidar do lote e das coisas da família.
21. Ter um bom relacionamento com a família.
22. Ter um bom sinal de celular e internet.
23. Conseguir entrar no *Facebook* ou *Whatsapp* ou *Instagram* (redes sociais).
24. Ter dinheiro suficiente para tocar o lote e sustentar minha família.
25. O trabalho das mulheres no campo ser mais valorizado.
26. Desenvolver o comércio local (lojas e bancos).
27. Ter transporte de qualidade para o acesso a cidade.
28. Ter estradas de melhor qualidade no assentamento.
29. Ter água e luz suficiente para o consumo e produção agrícola.
30. Ter maior segurança no assentamento (guarda ou vigias).

APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Perfil da entrevistada

- 1) Idade:
- 2) Estado civil:
- 3) Nível de escolaridade:
- 4) Meio onde reside? Se saiu do assentamento, qual foi o motivo?
- 5) Você tem a intenção de assumir o lote?
Definitivamente não 1 2 3 4 5 Definitivamente sim
- 6) Ocupação/Emprego atual:
- 7) O que geralmente faz nas horas livres. Qual o *Hobby* ou “passatempo”?
- 8) Usa internet? Se usar, utiliza para fazer o quê?
- 9) Quanto forte é a sua intenção de assumir o lote?
Muito fraca 1 2 3 4 5 Muito forte

Caracterização da família e propriedade rural

- 10) Tempo de posse do lote:
- 11) Quantas pessoas moram no lote:
- 12) Número de irmãos e o gênero:
- 13) Quantos/quais irmãos trabalham no lote?
- 14) Quanto provável é que você irá assumir o lote?
Pouco provável 1 2 3 4 5 Muito provável
- 15) Atividade principal:
- 16) Máquinas e/ou implementos que possuem:
- 17) Fonte de renda da família:
- 18) A família arrenda o lote ou parte dele:

Percepção do pesquisador

- 19) A família discute sobre quem deve assumir o lote?
- 20) A família já tem um sucessor para assumir o lote?

APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Programa de Mestrado em Agronegócios

Pesquisa: Perspectivas das mulheres sobre as decisões de sucessão na agricultura familiar

Pesquisadora Responsável: Roseli Azambuja Barbosa.

Telefones para contato: (67) 99917-1528.

Orientador: Prof Dr^o João Augusto Rossi Borges

Co-orientadores: Prof Dr^a Carla Heloisa de Faria Domingues

Prof Dr^o Marcelo Corrêa da Silva

Você está sendo convidada para participar como voluntária de uma pesquisa sobre as perspectivas das mulheres na sucessão na agricultura familiar. O objetivo desta pesquisa é ter uma opinião das mulheres sobre os fatores que influenciam em suas decisões de assumir o lote na Lagoa Grande. Para a realização da pesquisa será aplicado um jogo com filhas de produtores rurais do Assentamento Lagoa Grande – Dourados/MS, e também serão coletadas informações de perfil socioeconômico e uma breve caracterização da família e propriedade rural. O tempo necessário para o jogo e a coleta dos dados poderá variar entre 30 a 45 minutos. Salientamos que os nomes das participantes não serão divulgados.

A sua participação é de caráter inteiramente voluntário!

A pesquisadora garante a confiabilidade e a privacidade das informações geradas.

Consentimento:

Eu, _____

Declaro que recebi explicações fornecidas pela pesquisadora Roseli Azambuja Barbosa, e que estou ciente de que ela poderá utilizar os dados obtidos para sua pesquisa, mantendo sigilo naqueles aspectos que considerar de boa ética.

Dourados/MS, _____ de _____ de 2018.

Entrevistada

Pesquisadora

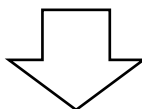
OBSERVAÇÃO: O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido original permanecerá em poder da pesquisadora.

Você gostaria de ter acesso ao resultado dessa pesquisa? () sim () não

Em caso positivo qual seria a melhor forma: _____

APÊNDICE IV - FOLHA DE RESPOSTA: Q-SORT

Entrevistada: _____



Discordo totalmente Discordo Neutro Concordo Concordo totalmente

-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4